

Complete a sua
Coleção

fato e razão



Peça os números que faltam

Livraria do MFC - Tel. (031) 222-5842

Rua Espírito Santo, 1059/1109

30160-031 Belo Horizonte - MG

fato e razão

33

MFC - MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO



Quem tem medo desta boca?

"La Bocca della Verità" - Roma, Itália - "A Boca da Verdade"

Recado ao leitor

Mais uma vez a Equipe de Redação lança um novo número da **Coleção Fato e Razão**, torcendo para que o sempre caro leitor a aprecie, e se sinta enriquecido com a sua leitura.

Nesta coleção que chega ao número 33, nossos amáveis leitores e colecionadores têm às mãos uma ampla fonte de consultas para preparar reuniões, debates, conversas com os filhos, palestras, seminários, encontros com casais, com noivos, com jovens...

Os avanços e descobertas das ciências humanas e da teologia se apresentam em linguagem acessível a leigos, em artigos curtos de fácil leitura.

Também encontram os nossos leitores uma preciosa coleção de paraliturgias interessantes, apropriadas ou adaptáveis para cada tipo de celebração, reunião ou encontro.

Não faltam matérias de puro lazer inteligente, notas curiosas, frases célebres que fazem pensar, crônicas que destilam fina ironia, poesia e arte.

Há ainda documentos oficiais da Igreja que um leigo cristão não pode desconhecer.

Em suma, caro leitor, esperamos poder sempre oferecer-lhe boa leitura e uma fonte de consulta que justifiquem manter sempre à mão a sua **Coleção Fato e Razão**.

H. & S.A.

fato e razão

33

Edição

Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Marcio Luz e Valéria Leite
José Newton e Ariadna Ribeiro
Bernardo e Ma. Nazaré Souza
Luiz e Helena dos Santos
Cyro e Mariana Miranda
Márcio e Malvina Fonseca
Jovino e Ruth Ferreira
Mara e Mainá Souza Neto
Armando e Irmgard Grando
Iride T. E Adroaldo Lize
Wanderley Tavares
Cleudison Halare
Isabelle Vasconcellos
Gerson Guimarães
Cleyton Santos
Rafael Hoff

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160-031 Belo Horizonte - MG

Sumário

- O fôssco social não é uma fatalidade, 2
Declaração dos Bispos da França
A prioridade da pessoa sobre o trabalho, 7
Declaração dos Bispos do Brasil - CNBB
Papa pede perdão, 8
Pe. Enzo Franchini
A escola dos meus sonhos, 12
Frei Betto
João Paulo II saúda os excluídos no Rio, 15
O que não devo dizer a uma criança, 16
Equipe INFA
O inferno existe, 18
VIPs, 22
Luiz Fernando Veríssimo
Tribunal de Juri, farsa coreográfica, 24
Helio e Selma Amorim
Oração, 28
Rubem Alves
Aborto e pena de morte, 31
A Rua do Menino Perdido, 34
Beatriz Reis
Imposto sobre o capital, 36
Resenha - Ignacio Ramonet
O horror econômico, 39
Entrevista - Viviane Forrester
Kasparov x Deep Blue, 42
Eustáquio Gallejones
Corrupção, câncer social, 45
A propriedade privada e a Igreja, 48
Pedro Roumié
Maria, mulher pobre e simples, 52
A construção do auto-conceito, 54
Jorge e Deonira La Rosa
"Comei isto em memória de mim", 58
José Ignacio Parente
Fé e política, uma relação exigente, 62
Entrevista - Clodovis Boff
Caminhando com a Igreja renovada, 66
Liturgia - MFC-MG
Leigos, sim, mas não tanto, 70
Borges Neto
Aumento de emprego ameaça economia, 74
Sobram arapucas e ingenuidade, 76
Betinho, o imprescindível, 78
Helio e Selma Amorim

Os Bispos da França lançam um lúcido grito de alerta sobre o agravamento das disparidades sociais, antes das eleições que mudaram o quadro político do seu país, denunciando as teses do ultra-liberalismo, num documento histórico de grande importância, mas ausente da nossa imprensa.

O fosso social não é uma fatalidade

*“Uma sociedade é julgada pela maneira de encarar os sacrificados da vida e pela atitude que adota a seu respeito”
(João Paulo II, Tours, 21/09/96)*

Todos os dias, como bispos, encontramos em nossas dioceses homens e mulheres que sofrem por sua situação econômica e social. Responsáveis políticos, militantes de associações e organismos confessionais ou não, falamos de sua inquietação. Aqueles que se defrontam com esses problemas sociais muitas vezes não sabem mais o que fazer.

Como celebrantes da Eucaristia, repartimos o pão da vida. Reunidos como irmãos amados pelo mesmo Pai, anunciamos o Reino que será terra de fraternidade. Toda forma de divisão entre as pessoas humanas é sentida como contrária à Eucaristia.

Cresce o distanciamento entre os que têm a possibilidade de se adaptar e de se beneficiar das evoluções, e uma parte crescente da população, cuja coesão social se desfaz. Por conta disso, ela sofre necessidades e, muitas vezes, exclusão.

Esse fosso social que cresce leva-nos a nos dirigir aos homens e mulheres de nosso país, em particular aos que têm influência sobre a vida de nossa sociedade.

Um fosso que se cava silenciosamente.

Esse fosso separa cada vez mais aqueles que participam da construção do futuro de nossa sociedade daqueles que padecem por causa de sua condição social. Afasta do sistema econômico e social aqueles que não mais participam de sua dinâmica. Põe de lado as pessoas que, marcadas por uma desvantagem, são marginalizadas: a vida os castiga cada vez mais. Viver em comum torna-se problemático.

Que uma sociedade atravessasse momentos difíceis, é inevitável. O que vemos na França não é diferente do que se passa em plano mundial. O crescimento tornou-se mais lento em nosso país, enquanto muitas empresas lutam corajosamente por resistir. Ouve-se dizer que não há crise, trata-se apenas de um ajuste necessário a uma nova ordem econômica e social. Tal discurso é geralmente o daqueles que não são atingidos.

Torne-se insuportável ver crescer a separação entre os que essa evolução favorece e os que ela esmaga. Esse fosso interpela toda consciência atenta à dimensão humana da vida social. As pessoas e organismos que não se acomodam a ele e o combatem têm o nosso apoio e nosso incentivo.

Deus criou a terra para toda a humanidade. Esta confiança faz-nos vigilantes. Chama a um dever de

discernimento e de interpelação em relação a toda organização econômica, a fim de avaliá-la segundo o custo humano de seu andamento. Fala-se de “guerra econômica”. Ela é pródiga em violência e em manifestações de poder contra muitos homens e mulheres. As dificuldades econômicas não são desculpas para tratar as pessoas humanas pior do que instrumentos de produção. É o cerne do ser que é atingido pelas disfunções sociais e econômicas. O indivíduo se encontra só, sem referências para construir sua personalidade. Aos que sofrem com essa excusão, queremos assegurar nossa confiança e nossa esperança. Já constatamos sua vontade e sua capacidade de reagir.

Um fosso difícil de entender

Nunca nossa sociedade conheceu tantos planos, tantos modos de combate à exclusão. E esta não cessa de se estender. O fosso que se cava entre os beneficiários do crescimento e os que são excluídos dele perdura e se agrava apesar das muitas iniciativas para combatê-lo. É isso difícil de entender.

Para reintroduzir numa coesão social as vítimas do modelo adotado e do funcionamento dessa sociedade, questionamo-nos sobre os fundamentos implícitos e os princípios que regem a sua organização:

1. Domina o pragmatismo que se atém ao imediato. Toma por realismo uma lei do mercado econômico obcecado pelo lucro a curto prazo e, muitas vezes, sem moral. As finanças terminam por se voltar contra a economia, Torna-se "normal" pôr de lado as pessoas humanas. O esquecimento das consequências humanas relega à proteção pública ou à generosidade privada o cuidado com os que foram desprezados por uma corrente liberal apressada em se desfazer de obrigações sociais que julga abusivas.

É o que acontece com o desemprego. Apesar dos sucessivos planos e somas consideráveis destinados a indenizá-lo, a situação continua piorando. Algumas pessoas estão na terceira geração de desempregados e os jovens não conseguem fundar um lar. O trabalho se faz cada vez mais raro, o que aumenta a inquietação diante do futuro.

A desigualdade de rendimentos é apresentada como um estímulo ao aumento de produção. Essa lógica exclui a possibilidade de emprego para milhões de pessoas. As regras financeiras como as leis de mercado escapam a um domínio que alguns chegam a recusar. Disso resulta uma quase impossibilidade de falar de um projeto de sociedade. Onde vamos? Essa pergunta, hoje, parece utópica, senão mesmo incongruente.

2. O silêncio sobre um projeto de sociedade revela uma espécie de paralisia de todo o corpo social. Comodialogar com quem considera

fatal essa situação? A vida política, tão indispensável a uma nação, trata diariamente de regulamentações cada vez mais complexas. O poder administrativo não seria capaz de substituir a responsabilidade política para dar um alento e uma esperança. Favorecer uma desregulamentação muito ampla aumentaria o sofrimento dos mais fracos. Mas restituir à vida política sua responsabilidade e sua dignidade para criar uma comunidade, confere ao Estado uma real possibilidade de ação como a Igreja tem lembrado freqüentemente.

3. O agravamento do fosso social aprofunda o individualismo: este fere as pessoas incapazes de se defenderem, mas favorece os mais hábeis. Nessa distorção entre as situações, surgem como outros tantos sintomas, manifestações de violência, a postura de cada um por si e a rejeição ao estrangeiro. Qualquer outra pessoa se torna uma concorrente: protegemo-nos contra ela, descarregamos nela todas as nossas suspeitas... Assim, consolida-se uma exclusão, consequência da falta de um projeto comum.

4. Uma sociedade fragilizada por divisões perversas torna-se mais vulnerável às dominações. Dominação de uma lógica econômica que procura um resultado rápido sem se inquietar com as consequências a longo prazo, marginalizando os que afasta do seu movimento. Dominação de procura da audiência que deturpa a informação, permitindo se

fazerem ouvir os que têm acesso ao domínio da comunicação, mas relegando outros ao mutismo. Dominação de teorias estreitas e sectárias que discriminam as pessoas humanas e insuflam a sede de violência. Sobre essas bases, ideologias fáceis podem fazer prevalecer suas ambições demagógicas. A desagregação social fragiliza a resistência ao inaceitável. É inaceitável o que fere a dignidade de uma pessoa humana.

5. O fosso social mutila aqueles que, para manter um emprego, submetem-se a ritmos de vida excessivos e, como já acontece, a condições de trabalho e de remuneração que tocam o limiar da injustiça. Mutila também aqueles que, submetidos ao domínio do dinheiro, atentam contra a sua humanidade. Fere ainda mais aqueles que, dispensados do emprego, julgam-se inúteis e são levados a consumir apenas as migalhas de um desenvolvimento que se faz sem eles. Em si, o progresso é cego, o lucro é neutro: são mecanismos. Alguns se apoderam deles. Muitos têm deles uma pequena parte. No domínio sócio-econômico, melhores meios de análise e de conhecimento não trazem necessariamente maior capacidade de ação eficaz. Não podemos justificar nossa inação pela complexidade dos mecanismos. Tornadas rotineiras, essas desigualdades acabam por não mais chocar. Nossa sociedade se fragmenta em grupos que vivem paralelamente. Essas separações aumentam as desigualdades: os que são assistidos vivem

de recursos que a produção lhes escamoteia.

Uma sociedade para todos.

É urgente voltar ao que é desejável para a pessoa humana. "É preciso encontrar novos modos de vida pessoal e coletiva que permitam superar as crises" (João Paulo II, em Tours).

1. É preciso ir juntos para além dos paliativos. Por mais necessário que seja o salário-desemprego, ele espera novos campos de trabalho. A lentidão para inventar novas atividades provém do fato de que, na França, o reconhecimento social decorre, sobretudo, de um emprego bem definido. Deve ser desenvolvida uma outra concepção do trabalho para favorecer um avanço de mentalidades. Sem mais demora, mudaremos as mentalidades suscitando exemplos de fecundidade social nas tarefas a serviço da qualidade de vida, na participação de cada um na construção comum da sociedade. Todos possuem potencialidade para participar da construção da sociedade em que vive.

2. Sustentar essas ações criadoras leva a se questionar sobre a partilha. Grande acúmulo, vantagens diversas, hábitos entravam uma reflexão sobre a participação nos lucros do trabalho. Será impossível progredir enquanto não for

abordada a questão central, a da participação nos lucros. É preciso que reaprendamos uma certa temperança comum a fim de repartir as vantagens do progresso. Sem regulamentação, o progresso aliena.

3. Para quem vai o dinheiro? Quem se aproveita dele? A própria idéia de um controle parece inconveniente, mas haverá justiça sem um direito de controle? Sem esse direito de controle, favorecemos a corrupção e a perversão da vida democrática. Muito dinheiro escapa a toda finalidade humana. Diante da miséria, os Padres dos primeiros séculos anunciavam corajosamente que existe um limite para o gozo privado dos bens. Sem reflexão sobre o destino do dinheiro não se produzirá modificação alguma de rendimento no trabalho que produz esse dinheiro. Criar bens não é um objetivo suficiente. Trata-se de construir uma vida social comum, livre dos grupos de pressão. Reafirmamos aqui a importância dos corpos intermediários para estruturar uma sociedade. Temos aí longo trabalho a perseguir sem tréguas. Carente desta visão respeitosa de cada pessoa, nossa sociedade reduz as pessoas humanas à luta pela sobrevivência: aparece o trabalho informal, desenvolve-se o comércio ilegal e um ser acuado cede à violência.

A prioridade da pessoa humana.

Hoje, como ontem, umas coisas vão bem, outras vão mal. Permanecer nessa dupla visão faz crer num equilíbrio. Faz passar por aceitável o que não passa de uma média aparentemente normal. Disfarça a distância que separa as pessoas. Ao invés de escolher uma visão otimista e uma visão pessimista, preferimos ser, com outros, testemunhas lúcidas da diferença crescente das condições de existência.

Reduzir essas desigualdades sociais não é tarefa apenas de meios técnicos, mas de inteligência e coração. Todos aqueles que colocam o sentido da pessoa humana como objetivo primeiro de sua ação o sabem. Homens e mulheres em diferentes responsabilidades não se resignam a considerar o fosso social como uma fatalidade. Nossa sociedade perderá uma parte de seus valores se, juntos, não dermos prioridade à pessoa, com a dimensão de sua vida comunitária. Honrar nosso patrimônio é encontrar a razão profunda de sua existência: a vida da pessoa humana, digna e livre.



"A terra tem como dar a cada ser humano tudo o que ele precisa, mas não o que ele cobiça" (Gandhi).

A prioridade da pessoa sobre o trabalho

"As recentes discussões mostram que não há razões suficientes para que se generalize o comércio aos domingos. Os custos sociais e o problema humano da convivência das famílias revelam a conveniência de manter a norma constitucional (que estabelece o domingo como dia preferencial para o descanso dos trabalhadores). O domingo é o referencial de primeira grandeza, pelo peso cultural que tem em nossa sociedade. Ele garante a prioridade da pessoa sobre o trabalho, sobre os negócios e o comércio, o que é eticamente mais justo. Há muitas apreensões diante das injustiças sociais que se possam cometer degradando as condições de trabalho pela generalização da abertura do comércio aos domingos. Numa época, como a nossa, em que as atividades e a agitação tendem a crescer, mais necessário se torna um dia de

descanso e de lazer para todos. Sem esse dia, corremos o risco de ver aumentar o número de pessoas despersonalizadas e vazias, sem condições para adquirir ou recuperar o equilíbrio necessário para uma vida saudável. Resgatar o sentido comunitário da parada semanal, preferencialmente aos domingos, é reconhecer o valor original do descanso do ser humano, bem diferente do que parar uma máquina para manutenção. O ritmo de um dia diferente, após seis dias de trabalho, é vital para o ser humano no seu encontro consigo mesmo e com seus familiares. Além disso, o preceito da celebração dominical e do repouso não é apenas uma imposição, mas o reconhecimento do valor da dignidade humana, restaurada no Mistério de Cristo, que deve ser sempre lembrada e festivamente celebrada preferencialmente aos domingos".

"A pessoa humana não é máquina que se pára qualquer dia para manutenção"

Leia e assine fato e razão.

Papa pede perdão 94 vezes

Pe. Enzo Franchini
Teólogo

"É claro que é coisa absurda e para a Igreja sumamente ultrajante propor uma certa restauração e regeneração, como necessárias para proceder à salvação dela e ao seu avanço, como se fosse possível pensar que ela, a Igreja, pudesse ter defeito ou escurecimento ou outros inconvenientes de tipo semelhante": assim o Papa Gregório XVI, na *Mirari Vos*, excluía a própria hipótese de um "aggiornamento" (atualização, renovação) da Igreja, com base na convicção de que na Igreja não poderia ter havido erro.

Agora, o jornalista Luigi Accattoli, num estudo crítico editado neste ano, enumera 94 textos nos quais o Papa atual reconhece culpas históricas bem definidas da Igreja, das quais a té hoje pede-se conta. E são 25 pronunciamentos em que o Papa pede explicitamente perdão por tais graves falhas. De 21 destes, o autor do estudo faz uma análise crítica, inserindo-os no contexto imediato e colocando como premissa uma avaliação de conjunto, no mínimo sugestiva. "Quando comecei a pesquisa, eu não imaginava a extensão da matéria, a coerência e a constância da linguagem e dos

gestos que a acompanharam", escreve Accattoli.

Os antecedentes

Os temas dos quais o Papa fez uma pública penitência são: as cruzadas; a tolerância com as ditaduras; a divisão entre as Igrejas cristãs; a falta de respeito para com a mulher; a hostilidade aos judeus; o caso Galileu; o comportamento da Igreja com relação à guerra e à paz; racismo e injustiças em geral; as guerras religiosas; Hus, Lútero, Calvino e Zwinglio; a atitude para com os índios; a inquisição; o integrismo; a atitude para com o Islã; o silêncio sobre a máfia; o caso Ruanda; o cisma do Oriente; a história do Papado; a escravidão dos negros.

Como se vê pela lista, não se trata de admissões esporádicas, acidentais, que não influem sobre o juízo geral a ser dado sobre o comportamento da Igreja. A frequência delas e a amplitude da atenção demonstram uma sensibilidade eclesiológica geral tal que exige uma revisão profunda da mentalidade, face à apologética sem limites.

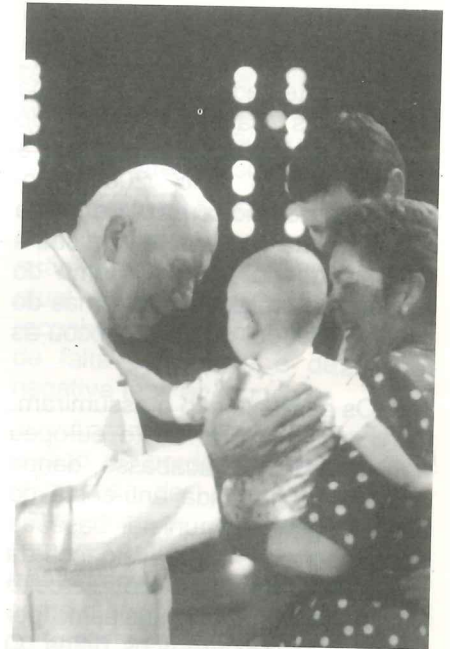
Mas Accattoli tem razão em dizer que todos esses textos, mesmo extensos e eloqüentes, não são ainda a verdadeira ponta de

lança da revisão proposta por João Paulo II. "O fruto maduro do seu pontificado", afirma o autor, está na proposta de um exame no fim do milênio, para encontrar - e são palavras textuais do Papa - "onde nós nos temos desviado do Evangelho", o que tenha motivado o afastamento dos contemporâneos da Igreja. Com relação a tal exame, todos os "mea culpa" anteriores não são mais que preparação. Aqui o pontificado joga grande parte do seu significado.

Um dos predecessores mais citados por João Paulo II é Adriano VI, que foi, inclusive, o último Papa não italiano antes do próprio Cardeal Wojtyla, e que fez chegar à Dieta de Nuremberg (1523) a admissão aberta dos graves abusos da corte vaticana e dos próprios Papas: antecedente que muitas vezes tem sido útil para João Paulo II, que dele deduziu todo um comportamento com relação ao ecumenismo a às suas obrigações.

Também a fórmula de perdão de Paulo VI aos "irmãos separados" (então assim chamados), e as admissões de culpabilidade por parte do Vaticano II entraram na consciência do Papa de forma impressionante. É verdade que o Concílio não fala de culpas da Igreja, mas dos homens de Igreja: cautela que o Papa assumirá na maior parte dos seus pedidos de perdão.

Accattoli tem em seu livro um breve capítulo emocionante sobre o Papa João Paulo I, do qual não pode evidentemente citar documentos. Mas com base em depoimentos de eclesiásticos próximos



João Paulo II enviou aos cardeais em 1994 um controverso memorandum incluindo o pedido de perdão da Igreja como um dos temas do Jubileu do ano 2000.

ao Papa Luciani, Accattoli escreve que João Paulo I pensava em algo sistemático, numa revisão penitencial que levasse a Igreja a pedir perdão por suas culpas na divisão dos cristãos, na opressão dos índios e dos negros, até pela surdez com que acolheu algumas figuras proféticas do nosso século.

Mas foram principalmente as viagens a firmar as convicções do Papa. São estes os antecedentes que o convenceram gradualmente a acelerar a decisão do famoso exame de consciência eclesial por ocasião do milênio, ao qual o Papa quer dar grande relevo.

(Parte do artigo publicado no semanário "Settimana del Clero", de Bolonha, Itália, tradução publicada como encarte no Boletim da CNBB, de 26/06/97)

Uma Igreja renovada

É de 1994 o "memorandum", muito contestado que o Papa enviou aos cardeais antes do Consistório que deveria preparar a celebração do ano 2000. Foi publicado por indiscrição, de forma anônima, mas o Papa reivindicou a paternidade do texto. O tema do perdão era um dos cinco temas do Jubileu. Mas foi o que provocou as reações.

Os cardeais não o assumiram. Os que vinham do Leste europeu temiam que se acabasse dando razão à propaganda anti-cristã do antigo regime comunista, baseada exatamente nos erros históricos da Igreja. Os cardeais do Terceiro Mundo não tinham entusiasmo por temas que não eram os deles. O cardeal Ratzinger temia que se voltasse a colocar no centro dos debates a eclesiologia, quando está na hora de afirmar direta e decididamente a cristologia. O cardeal Biffi expôs publicamente seu pensamento, insistindo sobre a santidade imaculada da Igreja, sobre a inconveniência de que a Igreja assumia as culpas de alguns membros de ontem (*por que, neste caso, as Universidades não deveriam também pedir desculpas a Galileu, considerando que os professores daquele tempo eram todos contrários a ele?*), sobre a inoportunidade intrínseca da coisa: os não cristãos não irão se converter, enquanto o cristão simples ficará confuso em sua fé.

O Papa deixa a resposta ao seu teólogo G. Cottier, num volu-

A maneira de ler hoje a história da Igreja é a do arrependimento, a partir do Evangelho

me do comentário à *Tertio Millennio Adveniente* (publicado na Itália pelas Paulinas, 1995). Cottier observa que precisamos ler a história da Igreja, e não apenas a de alguns de seus membros. E a nossa maneira de ler hoje é aquela do arrependimento. A boa fé pode até ter desculpado a responsabilidade subjetiva dos cristãos de ontem. Mas não pode desculpar a nós, hoje, que conhecemos melhor os fatos objetivos, se quiséssemos negar que a Igreja não soube, na época, reagir com base no Evangelho. E é a partir do Evangelho que devemos falar daquela história, sem buscar respostas apoloéticas ou arrogantes. Porque nos sentimos unidos à Igreja de ontem (*diferentemente das Universidades de hoje com relação aos cientistas contemporâneos de Galileu*), não podemos descarregar o peso das culpas como se nada tivesse a ver conosco.

A verdadeira resposta, de qualquer forma, veio com a *Tertio Millennio*. Nessa carta, o Papa, pessoalmente, sozinho, decidiu preparar o grande exame de consciência.

E dispôs os meios. Das oito Comissões que deverão preparar o Jubileu, quatro estão encarregadas de repensar evangelicamente a história da Igreja: as comissões sobre ecumenismo, diálogo inter-religioso, compromisso social e

aquela específica histórico-teológica, que prestará contas diretamente ao Papa.

Esta última já publicou seus critérios: trabalhar com o máximo de seriedade científica, deixando as conclusões ao Papa. Haverá dois congressos científicos internacionais: um sobre o anti-semitismo (a perseguição aos judeus) e outro sobre a inquisição. Não haverá o estudo de casos isolados, mas apenas de situações gerais, incluindo problemas como o dos cristãos frente ao "holocausto" dos judeus, relação com o Islã, penitência e indulgências, a recepção do Concílio.

A finalidade desta iniciativa qualifica seu sentido: trata-se de poder chegar àquela celebração unitária das religiões monoteístas do Mediterrâneo, de forma que os outros (judeus e muçulmanos) saibam com que ânimo os católicos os consideram, e como verdadeiramente procuram uma reconciliação que seja fruto de conversão.

Qual reconciliação

É a reconciliação o que de coração busca o Papa João Paulo

@ Como nos parecem essas atitudes do Papa em tantos pedidos de perdão? Também temos sido capazes de perder perdão por tantas incompreensões, autoritarismo, imposições e orgulhosas "certezas"?

@ Temos contribuído para um verdadeiro e desejado ecumenismo? Como?



Perplexidade de tantos nestes tempos de transição e mudanças de paradigmas. "Quando já tínhamos todas as respostas, mudaram as perguntas..."

II. Estes pedidos de perdão - escreve Accattoli - produzem uma nova cultura, ensinam a ler a história numa ótica nova. Porém mais importante é aceitar que a reconciliação e a paz de hoje passem pelo reconhecimento dos erros, uma adequada penitência e, nisso, mostre sua sinceridade.

A impressão é que nasça algo mais pertinente com a nossa situação: a reconciliação com o mundo atual. Hoje somos convidados a reconhecer também nossas culpas de falta de estima e de reação negativa face ao mundo.

Ao longo da caminhada, o pedido de perdão ao mundo, nos discursos de João Paulo II, transformou-se em atitude para com os outros, para que acreditassem em nossas boas intenções, numa atitude *ad intra*, útil para nós da Igreja, em primeiro lugar.

A atitude de penitência e a reconciliação não são meios úteis para conquistar a credibilidade fora; são modos para sermos fiéis a nós mesmos, independentemente da utilidade que possamos conseguir.

Isto não é apenas nova cultura. É nova visão e vivência da Igreja.

A escola dos meus sonhos

Na escola dos meus sonhos, os alunos aprendem a cozinhar, costurar, consertar eletrodomésticos, fazer pequenos reparos de eletricidade e de instalações hidráulicas, conhecer mecânica de automóvel e de geladeira, e algo de construção civil. Trabalham em horta, marcenaria e oficinas de escultura, desenho, pintura e música. Cantam no coro e tocam na orquestra.

Uma semana ao ano integram-se, na cidade, ao trabalho de lixeiros, enfermeiros, carteiros, guardas de trânsito, policiais, repórteres, feirantes e cozinheiros profissionais. Assim, aprendem como a cidade se articula por baixo, mergulhando em suas conexões subterrâneas que, à superfície, nos asseguram limpeza urbana, socorro de saúde, segurança, informação e alimentação.

Não há temas tabus. Todas as situações-limites da vida são tratadas com abertura e profundidade: dor, perda, falência, parto, enfermidade, sexualidade e espiritualidade. Ali os alunos aprendem o texto dentro do contexto: a matemática busca exemplos na corrupção dos precatórios e nos leilões das privatizações; o português, na fala dos apresentadores de TV e nos textos dos jornais; a geografia, nos suplementos

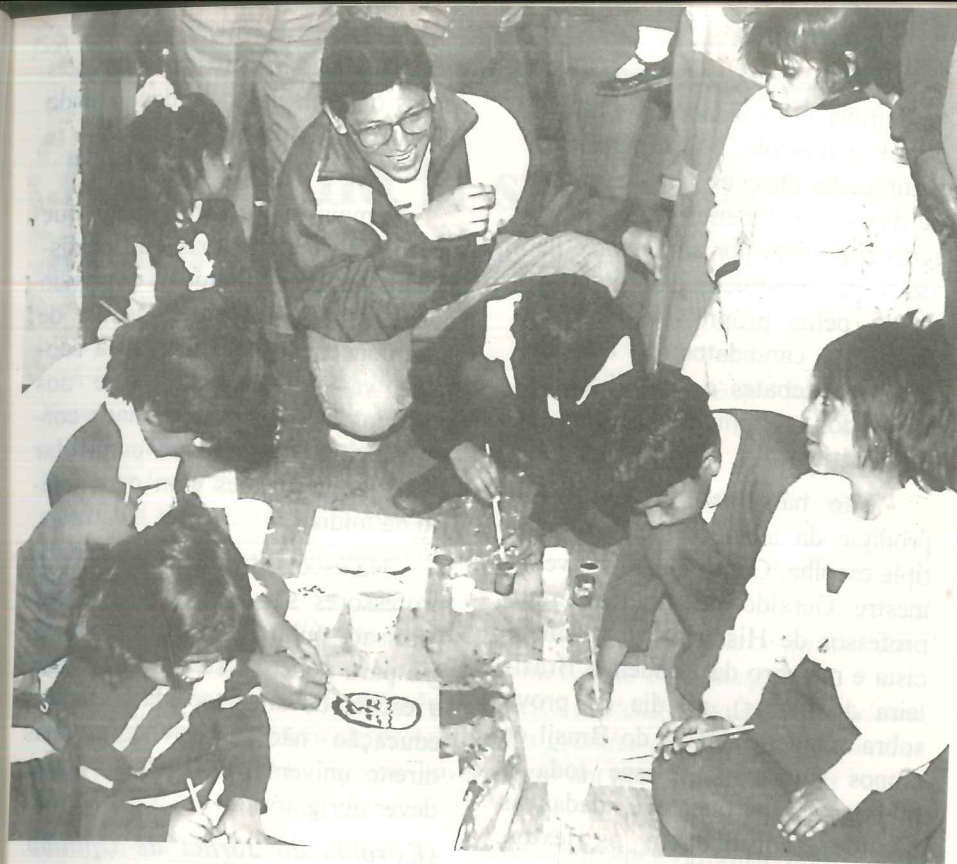
de turismo e nos conflitos internacionais; a física nas corridas da Fórmula-1 e pesquisas do supertelêscópio Hubble; a química, na qualidade dos cosméticos e na culinária; a história, na violência de policiais a cidadãos, para mostrar os antecedentes da relação colonizadores-índios, senhores-escravos, Exército-Canudos etc.

Na escola dos meus sonhos, a interdisciplinaridade permite que os professores de biologia e de educação física se complementem; a multidisciplinaridade faz com que a história do livro seja estudada a partir de textos bíblicos; a transdisciplinaridade introduz aulas de meditação e de dança, e associa a história da arte à história das ideologias e das expressões litúrgicas.

Se a escola for laica, o ensino religioso é plural: o rabino fala do judaísmo; o pai-de-santo do candomblé; o padre do catolicismo; o pastor do protestantismo; o guru do budismo etc. Se for católica, há periódicos retiros espirituais e adequação do currículo ao calendário litúrgico da Igreja.

Na escola dos meus sonhos, os professores são obrigados a fazer periódicos treinamentos e cursos de

Frei Betto
Escritor



A escola deve formar cidadãos e não simples consumidores e profissionais preparados para se integrarem às elites

capacitação, e só são admitidos se, além da competência, comungam com os princípios fundamentais da proposta pedagógica e didática. Porque é uma escola com ideologia, visão de mundo e perfil definido do que seja democracia e cidadania. Essa escola não forma consumidores mas cidadãos.

Ela não briga com a TV, mas leva-a para a sala de aula: são exibidos vídeos de anúncios e programas, em seguida analisados criticamente. A publicidade do iogurte é

debatida; o produto, adquirido; sua química, analisada e comparada com a fórmula declarada pelo fabricante; as incompatibilidades denunciadas, bem como os fatores porventura nocivos à saúde. O programa de auditório de domingo é destrinchado: a proposta de vida subjacente; a visão de felicidade que apresentam; a relação animador-platéia; os tabus e preconceitos reforçados etc. Em suma, não se fecha os olhos à realidade; muda-se a ótica de encará-la.

Há uma integração entre escola, família e sociedade. A Política, com P maiúsculo, é disciplina obrigatória. As eleições para o grêmio ou diretório estudantil são levadas a sério e um mês por ano setores não vitais da instituição são administrados pelos próprios alunos. Os políticos e candidatos são convidados para debates e seus discursos analisados e comparados com as suas práticas.

Não há provas baseadas no prodígio da memória nem na múltipla escolha. Como fazia meu velho mestre Geraldo de França Lima, professor de História (hoje romanista e membro da Academia Brasileira de Letras), no dia da prova sobra a independência do Brasil os alunos traziam à classe toda a bibliografia pertinente e, dadas as questões, consultavam os textos, aprendendo a pesquisar.

Não há coincidência entre o calendário gregoriano e o curricular.

Dívida externa, fruto da corrupção e do armamento. O Bispo Christian Precht Bañados, Secretário do CELAM, denunciou que a dívida externa dos países latino-americanos se deve em parte à compra de armas e à corrupção. A declaração foi feita no Encontro Continental de Países Pobres, realizado em Tegucigalpa (1997), do qual participaram as organizações financeiras internacionais, inclusive o FMI e o Banco Mundial. Antes, D. Oscar Rodríguez, Arcebispo de Tegucigalpa, declarava: "Não revelo nenhum mistério se afirmo que nem todas as ajudas econômicas chegaram aos seus autênticos destinatários. Boa parte terminou nas mãos dos corruptos. Deste modo, uma decidida luta contra a corrupção é a melhor resposta que nossos países podem oferecer aos organismos internacionais para reduzir a dívida externa".

João pode cursar a 5ª. série em seis meses ou em seis anos, dependendo da sua disponibilidade, aptidão e recursos.

É mais importante educar que instruir; formar pessoas que profissionais; ensinar a mudar o mundo que a ascender à elite. Dentro de uma concepção holística, ali a ecologia vai do meio ambiente aos cuidados com a nossa unidade corpo-espírito, e o enfoque curricular estabelece conexões com o noticiário da mídia.

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para poderem se manter. Pois é a escola de uma sociedade onde a educação não é privilégio, mas direito universal e, o acesso a ela, dever obrigatório.

(Extraído do *Jornal de Opinião*. Frei Betto é co-autor, com Paulo Freire, de "*Essa escola chamada vida*" - Editora Ática)

A parte mais quente da saudação do Papa ao chegar no Rio de Janeiro.

João Paulo II saúda os excluídos no Rio

"Hoje venho novamente ao Brasil para celebrar o II Encontro Mundial da Famílias. Agradeço à Providência por estar aqui neste país de dimensões continentais, colocado, pela riqueza do seu solo e subsolo e pelo gênio empreendedor do seu povo, na vanguarda entre as maiores potências do mundo. A própria tradição cultural e da fé da sua gente têm marcado a evolução da sua história, que promete um futuro alvissareiro às vésperas do terceiro milênio.

Certamente os desequilíbrios sociais, a distribuição desigual e injusta dos meios econômicos, geradora de conflitos na cidade e no campo; a necessidade de uma ampla difusão dos meios básicos de saúde e de cultura; os problemas da infância desprotegida das grandes cidades, para não citar outros, constituem, para os seus governantes um desafio de enormes proporções.

Faço votos de que os valores do patrimônio cultural e religioso da nação brasileira sirvam de base para estimular decisões justas em defesa dos valores familiares e da pátria. Neste contexto, desejo estender também a expressão da minha estima e afeto a dois componentes do País.

Em primeiro lugar, aos povos indígenas descendentes dos primeiros habitantes desta terra antes que aqui chegassem os descobridores e colonizadores. Eles contribuíram, com sua cultura, para injetar na cultura brasileira um profundo senso da família, de respeito aos antepassados, de intimidade e de afeto doméstico. Eles merecem toda a atenção para que vivam com dignidade esta sua cultura.

Exprimo os mesmos sentimentos à porção afro-brasileira - numerosa e altamente significativa - da população desta terra. Pela sua presença notável na história e na formação cultural deste País, estes brasileiros de origem africana merecem, têm direito e podem, com razão, pedir e esperar o máximo respeito aos traços fundamentais da sua cultura, a fim de que, com esses traços, continuem a enriquecer a cultura da nação, na qual estão perfeitamente integrados, como cidadãos a pleno título". (Discurso diante do Presidente da República, em 02/10/97).

O que não devo dizer a uma criança

Colaboração da Equipe do INFA - Instituto da Família

Menino não chora! - Menino ou menina, todos têm o direito de extravasar seus sentimentos, rindo ou chorando, e é bom que o façam.

Olha, o bicho vai te pegar! - Disciplinar pelo medo não vale. E despertar o medo dos animais é ainda pior. Conhecer os perigos que podem representar cobras ou jacarés, escorpiões e lacraias, tudo bem. Mas inventar bichos que carregam crianças desobedientes...

Vou chamar o velho do saco pra te levar! - É uma variante da tolice anterior. Só que agora o medo da criança se desloca para os idosos. Os velhos passam a despertar medo em vez de carinho e cuidado. E o medo é uma barreira típica ao desenvolvimento da criança.

Deus vai te castigar! - Assim, a criança conhecerá um Deus vingativo que não existe, e custaria a conhecer o Deus verdadeiro de Jesus Cristo, Deus Pai que ama gratuitamente, sempre pronto a perdoar.

Menino feio! - Diga que *o que ele fez* não é nada bonito, e explique por que, mas não diga que *ele* é um menino feio... Daí ao destrutivo complexo de inferioridade às vezes não há muitos passos.

Gordinho! Magricela! - Esses diminutivos ou aumentativos com sentido pejorativo, destacando algum aspecto menos atraente do seu físico, são sempre humilhantes, até se usados "carinhosamente".

Se não comer, vai ter que tomar injeção! - E o pavor de injeção e de dor vai durar para sempre... sem resultados concretos para o apetite da criança. Escolha caminhos mais inteligentes... Esse, positivamente, não é.

Menina burrinha, nem parece minha filha! - O que significa que você tem em alta conta a sua própria inteligência, desmentida por aquela frase infeliz... E se essa afirmação é muito repetida, torna-se verdade para a criança, gerando insegurança.

Você devia ser como o seu irmão! - Essa é uma das frases mais infelizes que pais despreparados usam para, com muita arte e competência, desmontar a personalidade do seu filho. Para esse assassinato cruel talvez se justificasse a pena de morte...

Você vai ver quando seu pai chegar! - Se quiser repreender ou corrigir a criança, dê a bronca na hora e explique o motivo. Adiar o castigo ou a repreensão para mais tarde, quando ela já nem se lembrado que fez, é incorreto. Mas o pior é delegar ao pai a função de carrasco, juiz e executor da sentença...

Menino não brinca de boneca! - Ninguém diz por que... Não se confessa o medo de tendências homossexuais. Que tolice! Se ele está brincando de pai da boneca - não de mãe da boneca... qual o



problema? Já se foi o tempo em que os pais jamais trocavam sequer uma fralda do filho recém-nascido. Se ele quiser, é bem interessante ir praticando desde cedo...

Divirta-se ampliando essa simpática lista de bobagens ainda tão comuns em nossa cultura. Vá anotando as que você mesmo comete, sem querer, e só mais tarde se dá conta do mau passo. No que você anota, fica menos provável que venha a repeti-lo. Quando a lista estiver bem grande, passe-a adiante para que outros a estiquem mais. Junte então todos os colaboradores e publique um livro de bons conselhos a pais inexperientes, para que cometam menos erros que aqueles que você e seus amigos e amigas não se cansam de repetir... a menos que você seja aquela bela exceção que confirma a regra!



"A adolescência é uma doença felizmente passageira..." (Desabafo de um pai agarrado à esperança de sobreviver a essa experiência).

O inferno existe

Tem três departamentos: o xadrez da delegacia, o presídio e a penitenciária. E milhares de filiais espalhadas pelo país. Estão superlotadas. Em muitas delas, celas desenhadas para seis prisioneiros compactam trinta, que têm que dormir por turnos, disputando centímetros de chão. Enquanto isso, milhares de condenados circulam pelas ruas esperando vagas para serem presos.

Nos três departamentos, misturam-se criminosos cruéis de alta periculosidade com chefes de família que roubaram galinhas. Convivem violentos e pacíficos, uns e outros geralmente tratados, sem distinção, como animais ferozes que de lá invejam a sorte dos cães e gatos domésticos. Ninguém discorda de que se trata de uma escola de formação para o crime e a violência, preparando feras para a futura liberdade.

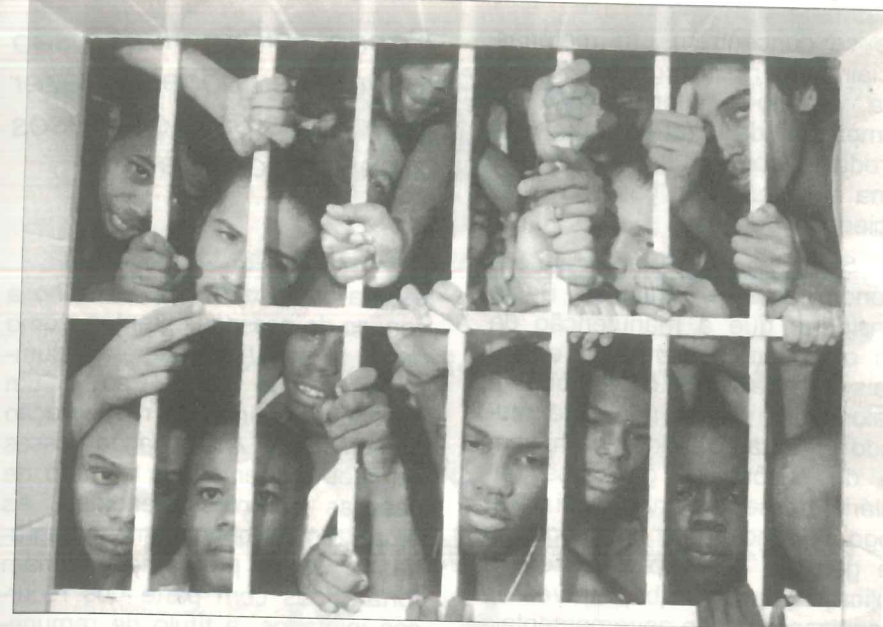
A promiscuidade sexual é pudicamente omitida nos noticiários. Mas todos sabemos que os presos mais violentos, veteranos de penas mais extensas, se impõem como xerifes e submetem os recém-chegados, que se tornam seus serviçais para tudo, inclusive para o serviço sexual. Sim, é isso mesmo. Se são jovens, chegam a ser disputados e negociados como "carne fresca" que acaba de chegar. Além de brutalmente desumanizados, despersonalizados, arra-

sados no que lhes resta de auto-estima, poderão engrossar as estatísticas assustadoras de disseminação da AIDS nas prisões do país, com elevado custo social e (para levarmos em conta os valores neoliberais) elevadíssimo custo econômico.

Também sabemos que ricos raramente se hospedam nesses departamentos do inferno. Bons e bem pagos advogados usarão os artificiosos dispositivos legais existentes para que seus clientes não sejam constrangidos por prisões em flagrante (e do risco do xadrês da delegacia), respondam a processos em liberdade (evitando a hospedagem em presídios que não lhes ofereceriam serviços à altura das suas sofisticadas exigências) e defendendo-os habilmente nos tribunais, depois de anos de protelações, para impedir qualquer desagradável condenação (e da incômoda estadia em penitenciárias desconfortáveis). Ainda que o pior aconteça, o bom advogado conseguirá para o mais cínico golpista que roubou milhões ou o para o assassino rico, a prisão especial e a liberdade condicional depois de cumprir a sexta parte da pena, para reduzir, ao mínimo, o constrangimento da indesejada hospedagem.

Por outro lado, parece que cada vez mais se firma o consenso social de que, para a maioria dos

Editorial



Prisões superlotadas não recuperam, brutalizam e destroem a auto-estima que restava, tornam os presos ainda mais violentos preparando-os para uma futura liberdade mais raivosa e perigosa

que lá estão, a prisão não é uma boa solução. Se o que se pretende é penalizar o criminoso para desestimular a prática do crime, mas ao mesmo tempo recuperá-lo, humanizando-o, para o seu bem e o bem da sociedade, o inferno não parece ser o espaço certo. Está bem que se seqüestrem do convívio social aqueles que são uma evidente ameaça para pacatos cidadãos, por disfunções psíquicas graves que exigem um longo afastamento assistido, de modo que a prisão seja ao mesmo tempo uma purgação da culpa e uma terapia. Mas a maioria ou grande parte dos presos não se enquadra nessa categoria. São gente lascada, pobres que fizeram alguma transgressão mais grave ou menos grave por condicionamentos socio-econômicos, e podem ser recuperados cá

fora, se tiverem chance de passar de excluídos para a de incluídos na condição de cidadãos, com emprego, educação e formação para o trabalho. E se têm uma família, alguma chance de mantê-la com certa dignidade.

Uma recente audiência pública realizada na Câmara dos Deputados visava à análise desse gigantesco problema. Buscam-se alternativas de penas que permitam aliviar a superlotação das prisões. Há um Projeto de Lei, em lenta tramitação no Congresso, para criar essas alternativas. O aparente consenso da sociedade não tem conseguido acelerar o encaminhamento legislativo dessa questão.

É preciso pressionar os nossos dispersivos parlamentares para

que se concentrem em matérias socialmente mais urgentes, como esta, dando-se continuidade à Campanha da Fraternidade que introduziu com muita força esse tema na agenda do governo e da sociedade.

Soluções existem, inclusive economicamente viáveis. Basta considerar que a manutenção de um preso custa entre 500 e 600 reais mensais. É óbvio que a maioria dos presos não teria roubado e, portanto, não seria hóspede de prisões se ganhasse um salário desse tamanho aqui fora. Logo se conclui que um programa de geração de empregos com a aplicação dessa verba, através de organizações não-governamentais capacitadas e devidamente supervisionadas pelo governo, poderia ser um caminho. Com efeito, muitas dessas organizações beneficentes, com potencial para expandir seus serviços à população carente, se ressentem da falta de recursos humanos por falta de recursos financeiros. Sem dúvida existem abundantes recursos humanos ociosos, homens e mulheres, nem perigosos nem violentos, confinados em prisões por deslizes fúteis, cujas penas poderiam ser convertidas em serviços remunerados à população, através de milhares de organizações filantrópicas, sem fins lucrativos, que se aparelhassem para gerenciar programas dessa natureza, nas suas áreas de especialização.

Esses programas não seriam mais caros do que a manutenção do preso lá dentro. O objetivo recuperação estaria melhor atendido. A ociosidade do cárcere

Penas alternativas são viáveis e podem trazer benefícios para os presos e para a sociedade

estaria substituída pelo trabalho a serviço de pessoas carentes, como pena a ser rigorosamente cumprida, o que por si só é um saudável caminho de reintegração na sociedade. A ampliação desses serviços aumentaria o número de pessoas carentes atendidas. As organizações beneficentes integradas a esses programas ficariam fortalecidas com parte dos recursos injetados, a título de remuneração ou ajuda de custo. A superpopulação das prisões seria aliviada e talvez surgissem vagas para novos hóspedes mais violentos e perigosos que, esses sim, deveriam estar lá. Provavelmente se canalizariam recursos de empresas privadas para apoio dessas iniciativas, entendidas como programas de redução da violência na sociedade.

Em suma: o inferno existe e nele estão sendo queimados, com inútil e caro consumo de combustível em suas fornalhas, recursos humanos capazes de ser colocados a serviço da humanização. Humanização de pessoas que, por sua pobreza angustiante e desatendida, podem acabar enveredando por uma forma de "distribuição de renda" feita por suas próprias mãos, tornando-se candidatos a vagas naquela mesma fogueira. O que, com perdão pelo trocadilho, seria uma pena.



O seu melhor presente para os melhores amigos custa apenas

10 reais!

Dê de presente uma assinatura de

fato
e razão

Seus amigos vão se lembrar de você a cada 3 meses.

Promoção especial: se você presentear 5 assinaturas, a sexta é gratuita!

E para completar a sua coleção ou dar de presente números avulsos prepare a lista e receba pelo correio: 2,50 reais cada exemplar.

Faça já o seu pedido ou assinatura por telefone ou carta à

Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 - sala 1109

CEP 30160-031 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 222-5842

As péssimas condições das nossas cadeias e novas denúncias de corrupção no Congresso Nacional andaram no noticiário por esses dias e os dois assuntos se relacionam. Uma das maneiras de melhorar o nosso sistema carcerário seria começar a prender corruptos e corruptores no Brasil. Não existe um consenso sobre se a elite também vai para a cadeia nos países desenvolvidos porque as cadeias são melhores ou se as cadeias são melhores porque as elites freqüenta, e nem importa. O fato é que pode-se prever um sensível aprimoramento de instalações e serviços nas nossas prisões com a qualificação progressiva da sua população. Com o tempo teríamos bem decoradas suítes exclusivas com quarto, lavabo, kitchenette e até sala para reuniões com assessores, por que não?

Um sistema de cotações - cinco estrelas para prisões com sauna e piscina térmica, etc. - e a possibilidade do condenado escolher sua penitenciária na hora da sentença não só assegurariam o funcionamento do sistema em bases saudavelmente empresariais como incentivariam as confissões voluntárias, sem necessidade de gravador. E mais: as empreiteiras, essas tradi-

cionais usinas de corrupção da nossa história, teriam interesse redobrado de construir boas penitenciárias para garantir a sua participação num novo e lucrativo mercado e porque a qualquer hora elas poderiam hospedar seus executivos, para os quais reservariam as coberturas. Nas concorrências para construir penitenciárias novas as propostas das empreiteiras incluiriam o preço superfaturado, a penitenciária desejada no caso de denúncia e condenação, cela de frente ou de fundos e as preferências para o desjejum do eventual apenado, café ou chá e os ovos de que jeito.

Haveria risco das construções de luxo excluírem as construções populares, como já acontece no mercado de imóveis, e dos criminosos comuns ficarem sem cadeia. Não interessa. Dentro dos muros das suas penitenciárias revestidas com ladrilhos, a elite brasileira viveria o seu sonho de segurança total: guardas 24 horas por dia e convívio exclusivo com seus pares.

A determinação de prender empresários submeteria os agentes da Polícia Federal a graves riscos durante as investigações. Nos ambientes freqüentados pelos bandidos,

os agentes enfrentariam porteiros arrogantes e maîtres irônicos, molhos pesados, contas impagáveis, uísque falsificado... No caso de localizar suspeitos numa boate de primeira o agente se sentiria inferiorizado pelo fato de sua gravata não ser *Hermès* e chamaria reforços, que cercariam o local. Os bandidos receberiam ordens para sair com as mãos na cabeça, sob a ameaça de serem bombardeados com uma loção barata.

A polícia colocaria cartazes dos procurados em todas as salas VIPs de aeroportos, com fotos, sinais característicos ("sempre usa meias da mesma cor da camisa") e alertas ("cuidado: seu isqueiro de ouro lança chamas a um metro, sua canela *Mont Blanc* descapada pode ser usada como arma, etc.").



Nas penitenciárias, a nova clientela certamente causaria problemas. Pode-se imaginar a revolta contra a comida servida no refeitório explodindo num motim em que os presos tomam o cozinheiro como refém e passam a bater nas grades com seus walk-men pedindo molho *Bechamel*, corações de alcahofra e talvez uma musse.



Receita esquisita de harmonia conjugal. Nas bodas de ouro, a esposa explica que nunca brigaram em 50 anos. Foi assim: "Depois da cerimônia do casamento saímos de charrete para a fazenda. No caminho o cavalo tropeçou e meu marido berrou: **Um!** Mais adiante entrou num atoleiro e meu marido esbravejou: **Dois!** De repente uma cobra atravessou o caminho, o cavalo empinou, quase caímos. Meu marido disse calmamente: **Três!** Puxou a garrucha e matou o cavalo: Fiquei indignada e protestei: Você não podia ter feito isso! Ele me encarou e disse: **Um!** Nunca mais brigamos".

lamento de trabalhador. "Sempre sobra mês no fim do meu salário!".

Tribunal de Júri é uma farsa coreográfica indiferente à Justiça

Helio e Selma Amorim

Os americanos adoram. Perde-se a conta dos filmes que terminam com o pronunciamento de jurados e dos muitos "seriados de tribunal" que tomam conta da programação da TV a cabo. Explica-se: é um cenário imponente para a exibição de talentos oratórios, truques e surpresas para manipular a emoção dos jurados, jogadas espertas de advogados e promotores, tudo muito interessante para um filme emocionante ou romance de Agatha Christie - desde que não passe de ficção e não esteja em jogo a liberdade de uma pessoa real, de carne e osso.

Sendo um julgamento real essa coreografia é absurda e só casualmente prevalecerá a verdade e a justiça. É um anacronismo extravagante que há muito devia ter sido suprimido da prática judicial.

Vamos tomar um exemplo, dentre esses julgamentos recentes mais badalados.

O José Rainha, do MST, é acusado de ter participado de uma emboscada que matou dois cidadãos, numa pequena cidade do Espírito Santo. Arma-se o cenário. O júri é formado por sete pessoas

leigas no assunto, donas de casa, comerciantes, profissionais, residentes na cidade. O réu é um forasteiro, que anda pelo Brasil agitando os sem-terra e invadindo propriedades alheias. A classe média não gosta muito desses comportamentos que ameacem a sua tranquilidade. No subconsciente dessas pessoas podem ocultar-se traiçoeiramente sutis preconceitos contra aquele personagem magro e barbudo. Começa a coreografia. A condenação ou absolvição do réu dependerão da habilidade do promotor e dos advogados de defesa. Quem tiver mais talento para envolver emocionalmente os jurados indefesos, ganhará a batalha, como sempre. Para isso, todos os impactos e surpresas, exibições de raiva, lágrimas, berros, gesticulação abundante, expressão corporal, dedos em riste, tudo será usado. Testemunhas se ajoelham diante dos jurados, pedindo vingança. Quando as manobras de manipulação psicológica se tornam exageradas, o juiz manda os jurados não levarem em conta e avisa que tal ou qual palavra, frase ou passe de mágica não serão incluídos nos autos - como se fosse possível apagar a



Esta é uma cena comum em tribunais de júri, em que jurados indefesos são manipulados emocionalmente por hábeis advogados prevalecendo nem sempre a justiça mas a tese do mais competente

emoção provocada pelo gesto excluído dos registros do processo... Testemunhas sob sagrado juramento afirmam que viram o réu na emboscada. Outras testemunhas sob sagrado juramento também afirmam solenemente que no mesmo momento o réu estava no Ceará. Depois de exauridos pela extensão da jornada, com as emoções em pandarecos, a cabeça girando velozmente, os sete jurados se recolhem para a decisão sobre o destino de uma pessoa, de uma vida, de uma liberdade. Finalmente, quatro **acham** que o réu é culpado e três **acham** que

ele é inocente. Realmente **acham**. Não podem ter certeza. Se não houvesse dúvidas, os sete diriam a mesma coisa, naturalmente. Como a questão não ficou clara, tudo é "**achismo**". Se fosse uma partida de futebol, tudo bem: um time ganhou e outro perdeu por 4x3 e vai esperar novas rodadas para ir à forra. Mas num tribunal o que se decide é a liberdade ou prisão de uma pessoa. Isto não pode ficar pendente do que **acham** algumas pessoas leigas, facilmente manipuláveis emocionalmente pelo talento e esperteza de bons advogados, nem sempre escrupulosos nas

suas jogadas para a platéia. Finalmente a parte mais excêntrica e surrealista desse teatro do absurdo: como o réu foi condenado a mais de 20 anos, será julgado de novo. Não valeu! Se a condenação tivesse sido de 19 anos e 11 meses, o réu iria diretamente para a prisão, sem direito a recurso e o caso estaria encerrado. Como supostamente o crime, se de fato o tivesse cometido, foi mais grave, com pena maior que aquele limite, então o réu terá uma nova chance de escapar... Se o caro leitor não considera isto absolutamente cômico, perdeu mesmo o seu senso de humor.

Enquanto estamos escrevendo estas linhas, o Jornal Nacional berra uma notícia fresca: em outro tribunal, nove jurados resolvem absolver um dos acusados das mortes dos meninos da tristemente e internacionalmente famosa chacina da Candelária. Quem é o réu? Um policial da PM que há um ano foi condenado a 268 (!) anos de prisão por ter confessado sua participação no crime, depois de reconhecido pelas testemunhas. Naquele julgamento, os jurados da época **acharam** que ele era mesmo culpado, já que ele mesmo o confirmava em sua confissão. Mas como foi condenado a mais de 20 anos, mereceu um novo julgamento. Só que os novos jurados agora **acharam** que ele é inocente, não acreditando na confissão do ano passado... e caso encerrado. Mais engraçado: ele não será libertado tão cedo! Há um ano, ele foi também condenado a 18 anos de prisão por tentativa de homicídio de um dos meninos

O tribunal é uma espécie de palco em que advogados vão exhibir seus talentos e sua capacidade de convencimento de jurados emocionalmente vulneráveis

sobreviventes da mesma chacina da Candelária. Parece que é um crime menor, tanto que a condenação foi de "apenas" 18 anos, menos de 20 anos, sem direito portanto a novo julgamento!... Então, ele está agora inocentado do crime maior confessado e permanecerá preso pelo crime menor, ambas acusações referidas ao mesmo episódio daquela noite trágica. A lógica, sempre ausente desses cenários de tribunal de júri, se esconde de vez, encabulada.

Quem pode, portanto, levar a sério os resultados desse tipo de julgamento? A justiça passa ao largo, ficando a decisão sempre a favor do mais hábil - e geralmente mais caro - dos advogados em confronto. A questão dos honorários tem bastante a ver, aliás, com a curiosa realidade de que ricos não vão para a cadeia, qualquer que seja a modalidade de julgamento que dependa do talento e fama dos advogados contratados. As cadeias estão superlotadas de gente lascada que mal conhecia o advogado designado pela justiça gratuita. Tudo o que, juntos, esses milhares de ladrões presos roubaram não chega perto do que embolsou um só e qualquer dos

muitos banqueiros de falências fraudulentas em feliz liberdade.

Mas o Jornal Nacional não pára: informa agora que a Câmara também absolveu o deputado que, segundo a acusação, extorquia dinheiro de bicheiros para conseguir livrá-los da prisão por explorar ilegalmente bingos marotos em São Paulo. Dez entre dez brasileiros **achavam** que o parlamentar não escaparia. Seus colegas adiaram por um ano a decisão e nesta mesma tarde resolveram **achar** que ele não fez o que todos **achavam** que ele fez. A partir de hoje ele já pode processar todos aqueles que o acusaram injustamente.

A impunidade por corporativismo ou falência da justiça é um estímulo evidente a práticas de corrupção ostensiva que envergonham o país

E viva o Brasil! - que vai jogar daqui a pouco com a Colômbia, desviando para a Bolívia a atenção da atenta audiência do Jornal Nacional.

@ Tem prevalecido a impunidade em nosso país? Exemplos que confirmem ou desmintam.

@ Podemos suspeitar que tem havido condenação de inocentes? Explique o seu ponto de vista.

@ Há notícia de serem muitos os presos que já teriam direito à liberdade mas não têm quem cuide dos processos para saírem da prisão: o que se pode fazer para conferir se isto é real em nossa cidade?

@ A Igreja tem uma pastoral penal, atuando nos presídios da cidade? Como podemos ajudar nessa tarefa difícil?



Ecumenismo não pode ser tímido. Tudo que o ecumenismo precisa é de uma espécie de "amostra grátis": provando uma vez todos acabam querendo mais, tamanha é a alegria que o convívio ecumênico fraterno faz nascer no coração. São séculos de antagonismo e intolerância que vão sendo superados pela alegria de descobrir no outro um irmão da mesma família cristã. Mas é preciso dar passos concretos mais freqüentes.

Oração

Rubem Alves

Poeta e psicanalista

Hoje vou escrever sobre a arte de rezar. Dirão que esse não é tópico que devesse ser tratado por um terapeuta. Rezas e orações são coisas de padres, pastores e gurus religiosos, a serem ensinadas em igrejas, mosteiros e terreiros. Acontece que eu sei que o que as pessoas desejam, ao procurar a terapia, é reaprender a esquecida arte de rezar. Claro que elas não sabem disso. Falam sobre outras coisas, sobre dez mil coisas. Não sabem que a alma deseja uma só coisa, cujo nome esquecemos. Como disse T.S.Elliot, *temos conhecimento das palavras e ignorância da Palavra. Todo o nosso conhecimento nos leva para mais perto da nossa ignorância, e toda a nossa ignorância nos leva para mais perto da morte.* A terapia é a busca desse nome esquecido. E quando ele é lembrado e é pronunciado com toda a paixão do corpo e da alma, a esse ato se dá o nome de poesia. A esse ato se pode dar também o nome de oração.

Por detrás da nossa tagarelice (falamos muito e escutamos pouco) está escondido o desejo de orar. Muitas palavras são ditas porque ainda não encontramos a única palavra que importa. Eu gostaria de

demonstrar isso - e a demonstração começa com um passeio. Para começar, abra bem os olhos! Veja como este mundo é luminoso e belo! Tão bonito que Nietzsche até mesmo lhe compôs um poema. *Olhei para este mundo - e era como se uma maçã redonda se oferecesse à minha mão, madura dourada maçã de pele de veludo fresco... Como se mãos delicadas me trouxessem um santuário aberto para o deleite de olhos tímidos e adorantes: assim este mundo hoje a mim se ofereceu...*

Tudo está bem. Tudo está em ordem. Nada impede o deleite dessa dádiva. Ninguém doente. Nenhuma privação econômica terrível. E ha mesmo o gostar das pessoas com quem se vive, sem o que a vida teria um gosto amargo.

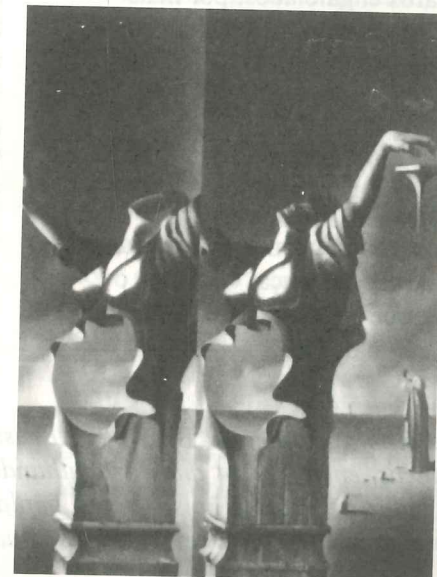
Mas isso não e tudo. Além das necessidades vitais básicas a alma precisa de beleza. E a beleza - o mundo a serve por atacado. Está em todos os lugares, na lua, na rua, nas constelações, nas estações, no mar, no ar, nos rios, nas cachoeiras, na chuva, no cheiro das ervas, na luz que cintila na água crespas das lagoas, nos jardins, nos rostos, nas vozes, nos gestos.

Além da beleza estão os prazeres que moram nos olhos, nos ouvidos, no nariz, na boca, na pele. Como no último dia da Criação, temos de concordar com o Criador: olhando para o que tinha sido feito, viu que tudo era muito bom.

E, no entanto, sem que haja qualquer explicação para esse fato, tendo todas as coisas, a alma continua vazia. Álvaro de Campos colocou esse sentimento num poema: *Dá-me lírios, lírios, e rosas também. Crisântemos, dalias, violetas e os girassóis acima de todas as flores. Mas por mais rosas e lírios que me dês, eu nunca acharei que a vida é bastante. Faltar-me-á sempre qualquer coisa. Minha dor é inútil como uma gaiola numa terra onde não há aves. E minha dor é silenciosa e triste como a parte da praia onde o mar não chega.*

Como se uma nuvem cinzenta de tristeza-tédio cobrisse todas as coisas. A vida pesa. Caminha-se com dificuldade. O corpo se arrasta. As pessoas procuram a terapia alegando faltar um lírio aqui, uma rosa ali, um crisântemo acolá. Buscam, nessas coisas, a única coisa que importa: a alegria. Acontece que as fontes da alegria não são encontradas no mundo de fora. É inútil que me sejam dadas todas as flores do mundo: as fontes da alegria se encontram no mundo de dentro.

O mundo de dentro: as pessoas religiosas lhe dão o nome de alma.



O que é a alma? Alma são as paisagens que existem dentro do nosso corpo. Nosso corpo é uma fronteira entre as paisagens de fora e as paisagens de dentro. E elas são diferentes. *"O homem tem dois olhos"*, disse o místico medieval Angelus Silesius. *"Com um ele vê coisas que passam, no tempo. Com o outro ele vê o que é eterno e divino"*. Em algum lugar escondido das paisagens da alma se encontram as fontes da alegria - perdidas. Perdidas as fontes da alegria as paisagens da alma se apagam, o corpo fica uma casa vazia, vai-se a alegria. E as paisagens de fora ficam feias (a despeito de serem belas).

O mundo de fora é um mercado onde pássaros engaiolados são vendidos e comprados. As pessoas pensam que, se comprarem o pássaro certo, terão alegria. Mas pássaros engaiolados, por mais belos que sejam, não podem dar alegria. Na alma não há gaiolas.

A alegria é um pássaro que só vem quando quer. Ele é livre. O máximo que podemos fazer é quebrar todas as gaiolas e cantar uma canção de amor, na esperança de que ela nos ouça. Oração e o nome que se dá a essa canção para invocar a alegria.

Trabalho infantil no Brasil. O Brasil tem atualmente 3,8 milhões de crianças, entre 5 e 14 anos, trabalhando, sendo que 2.7 milhões estão fora das salas de aula. A bolsa-escola implantada no Distrito Federal é a mais concreta medida para reverter essa situação.

Muitas orações são produto da insensatez das pessoas. Aham que o Universo estaria melhor se Deus ouvisse os seus conselhos. Pedem que Deus lhes dê pássaros engaiolados, muitos pássaros. Nisso, protestantes e católicos são iguais. Tagarelam. E nem se dão ao trabalho de ouvir. Não sabem que a oração é só um gemido. *"Suspiro da criatura oprimida"*: haverá definição mais bonita? São palavras de Marx. Suspiro: gemido sem palavras que espera ouvir a música divina, a música que, se ouvida, nos traria a alegria.

Gosto de ler orações. Orações e poemas são a mesma coisa: palavras que se pronunciam a partir do silêncio, pedindo que o silêncio nos fale. A se acreditar em Ricardo Reis, é no silêncio que existe no intervalo das palavras que se ouve a voz de *"um Ser qualquer alheio a nós"* que nos fala. O nome do Ser? Não importa. Todos os nomes são metáforas para o Grande Mistério inominável que nos envolve. Gosto de ler orações porque elas dizem as palavras que eu gostaria de ter dito mas não consegui. As orações põem música no meu silêncio.

(Extraído de *"Tempo e Presença"* n° 290)

Aborto e pena de morte: analogias e contradições.

Editorial

Numa entrevista à imprensa, nas vésperas da visita do Papa ao Rio, D. Estêvão Bittencourt, monge beneditino, reafirmou a posição da Igreja (que somos todos nós) contra o aborto (também somos). Confirma a oposição da Igreja mesmo nos casos previstos na legislação brasileira (estupro e risco de vida da gestante), insistindo na radicalidade dessa posição (radicalismos sempre nos assustam e recomendam prudência).

O jornalista registra que "com fina ironia", o monge aponta a incoerência de católicos e não católicos que se insurgem contra a pena de morte mas aceitam o aborto...

Vamos recorrer também à "fina ironia" beneditina agora aprendida: dias antes, em entrevista à imprensa internacional, o todo-poderoso Cardeal Ratzinger apresentou a nova versão do seu novo Catecismo da Igreja Católica (catecismos sempre parecem querer indicar que também na teologia tivéssemos chegado ao fim da história, à moda do Fukuyama, a uma doutrina pronta e acabada, perfeitamente traduzível em compêndios de uso universal).

Nessa entrevista, o temido Cardeal que preside, no Vaticano, a Congregação para a Doutrina da

Fé (ex-Santo Ofício), afirma que a Igreja aceita a pena de morte, "não só em tempos de guerra mas, em certas circunstâncias, em tempos de paz". Como exemplo, aponta o caso em que o criminoso representa um risco para a sociedade. Ou seja, pode-se matar o criminoso gerado pela sociedade, porque representa um risco para a sociedade que o gerou...

Nada mais parecido com o aborto que o Cardeal condena com a mesma radicalidade do monge que nos ensinou a usar essa fina ironia. Com uma agravante neste segundo caso: o criminoso, de acordo com certos catecismos, sem tempo para se arrepender, irá diretamente para o inferno, enquanto o feto destruído pode aspirar a melhor destino eterno...

Talvez sejamos nós, modestamente, mais coerentes: rejeitamos o aborto como prática de planejamento familiar e a pena de morte como prática cruel de nos livrarmos de problemas que nós mesmos geramos. Espanta-nos que cristãos admitam haver alguma pessoa humana irreversível. Deus se fez homem e habitou entre nós justamente porque sabia que todos somos capazes de nos emendar e ser salvos. E já naquele tempo parecíamos irreversíveis aos olhos e julgamentos humanos,

uma humanidade bem ruimzinha, que assassinou cruelmente quem nos veio salvar. Mas Deus apostou na sua criatura preferida e conviveu com ela, morreu por ela, ressuscitou para nos preceder a todos numa vida em plenitude.

Como então aceitar cristãmente a pena de morte, essa monstruosidade já felizmente expurgada dos códigos penais de mais de 60 países que a adotavam no passado? Prática abandonada inclusive por ser inócua e estúpida, sem falar nos incontáveis condenados executados por erros judiciais - confirmados tarde demais!

A analogia entre o feto que ameaça a vida da gestante e o criminoso que ameaça a vida da sociedade que o gerou é demasiadamente significativa. A incoerência é flagrante. Catecismos que afirmam essa barbaridade têm a sua credibilidade afetada. Dirão certamente: com os avanços da ciência, já são raros os casos de risco de morte na gravidez. Ora, também não vemos que risco o criminoso preso pode representar para a vida feliz da sociedade que o produziu (não cremos na geração espontânea de criminosos).

Quanto ao aborto, os equívocos e contradições igualmente se multiplicam. A grande preocupação dos que não aceitamos essa prática é a lei que o criminaliza. A cada projeto que surge, saímos em campanhas e passeatas. E o aborto continua sendo um crime, para nossa felicidade. Entretanto, com lei ou sem lei, realizam-se pelo menos 1 milhão de abortos por ano no Brasil. Ora, queremos apenas que o aborto continue legalmente

As leis que levariam a reduzir o número de abortos no país são outras, mais eficazes que a simples criminalização

declarado crime, de difícil punição, ou queremos que se pratiquem menos abortos neste católico país? Se é isto e não aquilo, as leis de que precisamos são outras.

Vamos pensar (atributo que estamos perdendo na civilização TV...) sobre o que leva uma mulher ao recurso do aborto. Não será certamente uma decisão alegre e feliz. Mais provavelmente sofrida e temerosa, induzida por medos e privações. Medo de perder o emprego (prática comum no mercado neo-liberal de trabalho - e mesmo em alguns "lares cristãos" que descartam com desculpas desajeitadas a empregada doméstica que aparece grávida), medo de não poder sustentar dignamente o filho gerado (o salário-família atual não chega a 1 real por filho, por mês, uma aberração que nos envergonha), as creches "garantidas" na Constituição não existem (e sem creche, mãe pobre não pode trabalhar), medo da rejeição da família à filha mãe-solteira, da rejeição da sociedade e do grupo a que pertence e medo da dificuldade de vir a casar-se e constituir uma nova família pelos tabus que prevalecem nessa situação.

Sobre essas causas é que se deve atuar. Programas educativos para um maior conhecimento do corpo e da sexualidade verdadeiramente humana, leis que assegu-

rem condições mínimas para que o filho seja recebido como uma bênção e não como ameaça, salário-família que mereça esse nome, superação de tabus e da intolerância cultural e mesmo religiosa, são os únicos vetores eficientes para reduzir drástica-

mente o número milionário de abortos que se fazem, com ou sem lei que os criminalize, em nosso país.

Para isso, valeriam a pena umas boas passeatas e campanhas ferozes...

@ *Que outras medidas sociais e políticas poderiam contribuir para a redução do número de abortos em nosso país?*

@ *Na área da educação, o que se poderia fazer?*

@ *Na área de saúde, o que poderia encorajar a gestante a aceitar o filho gerado?*

@ *Na legislação trabalhista, o que ajudaria a reduzir abortos?*

@ *Percebe-se algum preconceito contra a mãe solteira, no meio social em que vivemos? Na Igreja?*

Livros

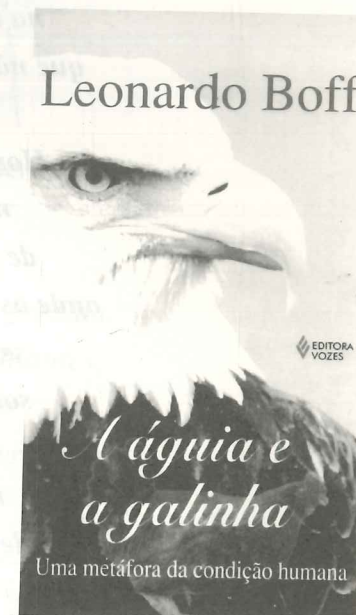
"A águia e a galinha" - uma metáfora da condição humana

Leonardo Boff -

Editora Vozes

"A águia e a galinha convivem em nós... Eis os desafios que se colocam para a construção do humano. Cumpre estar à altura deles se quisermos dar-lhe uma resposta que nos dignifique. Uma resposta que alicerce um equilíbrio dinâmico entre a águia e a galinha... E talvez, quem sabe, o paraíso não esteja tão longe nem totalmente perdido."

Leonardo Boff



Rua do Menino Perdido

Beatriz Reis

*Rua do menino perdido
uma rua qualquer
de um lugar qualquer.*

*O eterno menino à procura
de seu nome verdadeiro -
de sua própria identidade.*

*Menino perdido
na rua clara e comprida
que não leva a nenhum lugar.*

*Homem, menino perdido
numa rua qualquer
de um lugar sem nome,
onde as idéias e as novas ciências
se cruzam indiferentes
sobre a cabeça curvada
do menino perdido
numa rua qualquer
de um lugar sem nome.*

*Rua do menino perdido
do menino que chora
que procura seu ponto de apoio.*



*"Diga-me onde o puseram
e eu irei buscá-lo".*

*De que serve ao menino perdido
uma rua calçada de brilhantes
se ele está confuso
porque desconhece seu próprio nome?*



Igreja Anglicana pede perdão pelo "apartheid". Para pedir perdão e reconhecer publicamente a sua fal de oposição à discriminação social, a Igreja Anglicana apresentou o documento "Verdade e Reconciliação". Ao confessar os próprios erros, a Igreja pede que todos os que desempenharam um papel ativo nessa política de "apartheid" que também peçam perdão.

Economia: Ignacio Ramonet, em seu editorial no influente jornal francês "Le Monde Diplomatique" propõe taxar todas as operações financeiras, para reduzir o papel desestabilizador dos mercados globais e erradicar a pobreza absoluta até o início do século XXI. Oferecemos uma resenha do artigo, preparada pelo Boletim Rede.

Imposto sobre o capital para acabar com a pobreza

Que atitude podem adotar as forças que se propõem a representar os trabalhadores, agora que a globalização provocou uma tempestade econômica internacional e varreu sem compaixão a aparente "estabilidade" de países como o Brasil e a Coréia? Cabe a elas amenizar o tom da sua crítica, para dar uma demonstração de patriotismo e unidade nacional? Devem esquecer numa gaveta bandeiras que erguiam há pouco, como a denúncia da dívida externa? Ou chegou a hora, ao contrário, de propor que o país se desvencilhe dos laços que o ligam à produção e às finanças globalizadas?

O editorial do "Le Monde Diplomatique" aposta numa saída aparentemente desconcertante para este enigma. Parte de uma crítica devastadora à globalização financeira - e destaca um aspecto costumeiramente esquecido do processo. O novo "Estado mundial" comandado

pelo FMI, Banco Mundial, OMC e OCDE "é um poder sem sociedades, cujo papel foi usurpado pelos mercados financeiros e as empresas gigantes que o comandam", diz o artigo.

O jornal se recusa, no entanto, a ver a globalização como algo acima do que se costumava chamar há algum tempo de luta de classes. Acredita que a mobilização internacional dos trabalhadores e das sociedades será capaz de impor limites rígidos à ação dos mercados financeiros. Parece apostar, inclusive, que, sob outra hegemonia, a globalização poderia ajudar a alcançar importantes objetivos em escala mundial, como o fim da pobreza extrema.

Num tempo em que virou moda defender liberdade total para o dinheiro, o jornal propõe o contrário. Além de enfrentar o capital financeiro em cada país, as sociedades deveriam "desarmar os mercados" e



O cenário insano das bolsas de valores em dias de crise é uma imagem do mundo selvagem que o modelo de economia neoliberal está globalizando

subordiná-los a mecanismos internacionais de controle democrático que ainda precisam ser criados. Um primeiro passo seria taxar todas as operações financeiras, para inibir a ação desestabilizadora dos mercados e criar um fundo de combate à miséria. "Le Monde Diplomatique" não tem ilusões. Sabe que tal objetivo só poderia ser alcançado através de uma mobilização popular - e propõe, inclusive, a constituição de uma entidade global para coordená-la.

O desarmamento do poder financeiro precisa tornar-se um objetivo cívico maior, se queremos evitar que o mundo se transforme numa selva onde os predadores farão a lei. A cada dia, 1,5 trilhão de dólares fazem idas e vindas pelo mundo, especulando com as variações dos preços das moedas. Esta instabilidade é uma das causas da alta dos juros reais, que freia o consumo das famílias e o investimento das empresas. Ela aprofunda os déficits públicos e incita os

fundos de pensão, que manipulam centenas de bilhões de dólares, a exigir das empresas dividendos sempre mais elevados. As primeiras vítimas dessa corrida por maiores lucros são os assalariados, cuja demissão massiva eleva a cotação das suas ações dos seus ex-empregadores nas bolsas. As sociedades podem tolerar por muito tempo o intolerável? É urgente atirar alguns grãos de areia nos movimentos de capitais devastadores. De três maneiras: supressão dos "paraísos fiscais", aumento da taxação dos ganhos de capital e taxação das operações financeiras.

Os paraísos fiscais são zonas onde reina o sigilo bancário, que serve apenas para camuflar os golpes financeiros e outras atividades mafiosas. Bilhões de dólares ficam, dessa forma, livres de qualquer taxação, em benefício dos milionários e das instituições financeiras. Todos os grandes bancos do planeta têm sucursais nos paraísos fiscais, e tiram deles grande proveito. Por que não decretar um boicote financeiro contra, por exemplo, Gibraltar, as Ilhas Cayman e o Liechtenstein, proibindo todos os bancos que têm negócios com os poderes públicos de abrir filiais nesses lugares?



Desabafo da professorinha do jardim de infância no fim de um daqueles piores dias: "Herodes tinha suas razões!"

A taxação dos ganhos financeiros e uma exigência democrática mínima. Estes ganhos deveriam ser taxados exatamente pelas mesmas alíquotas que incidem sobre os rendimentos do trabalho. Em 1992, Tobin, um norte-americano que ganhou o Prêmio Nobel de Economia, propôs taxar todas as transações feitas nos mercados financeiros com uma pequena alíquota de 0,1%. Essa Taxa Tobin arrecadaria, a cada ano, cerca de 166 bilhões de dólares, o dobro do necessário para erradicar a pobreza extrema até o fim do século. Diversos especialistas demonstraram que a criação dessa taxa não apresenta qualquer dificuldade técnica, e que ela é capaz de inibir as idas e vindas desestabilizadoras do capital especulativo.

Por que não criar, em escala planetária, uma gigantesca ONG para lutar por essa medida justa e tecnicamente viável? Nela estariam congregados os sindicatos e entidades sociais, culturais e ecológicas de todo o mundo, capazes de pressionar os governos a colocar em prática esse **imposto mundial da solidariedade**.

Antonio Martins - Resenha Rede

Livros

"O horror econômico"

Entrevista com a autora Viviane Forrester
Correio Brasiliense

Como a senhora resumiria seu livro para o leitor brasileiro?

VF - Como todos os leitores, o brasileiro também está implicado nessa situação, que é mundial. Vivemos no mesmo sistema de uma única lógica. Atravessamos um momento grave: é a primeira vez na história que o conjunto dos homens não é importante para fazer funcionar o planeta e para produzir lucro. Antes era diferente. Atravessamos uma crise de emprego. Não digo crise de trabalho, porque é um valor fundamental que sempre existirá. Enfrentamos mais que uma crise do emprego. Penso que vivemos uma mutação de sociedade e de civilização.

O que é essa mutação?

VF - Vivemos em uma sociedade baseada no emprego e ele está desaparecendo. Por exemplo: nos países do G7, os mais ricos, ouvimos sempre a mesma coisa: "prioridade ao emprego". Mas o nível de desemprego dobrou em 15 anos, entre 1979 e 1994. Depois de 1994, o problema só piorou.

O "**Horror Econômico**" é um livro recentemente lançado na França, despertando enorme interesse, com 11 edições em seis meses. Agora lançado no Brasil.

Mesmo se as promessas fossem mantidas - mas não é o caso - precisaríamos de muitos anos para chegar a uma situação mais ou menos suportável. Acredito que nos damos conta de que existe coisa pior do que ser explorado pelo trabalho: é não ser nem mesmo explorável. E passamos de uma sociedade que explorava o trabalho a uma sociedade de exclusão. O perigo é que se houver um regime totalitário poderemos passar de exclusão à eliminação. Vivemos numa sociedade que é e pretende ser cada vez mais econômica, que nos faz compreender que nesta economia nós somos o supérfluo. Então, essa sociedade que parece ser puramente uma economia de mercado, é uma sociedade que tentamos remendar, reparar. O "ar industrial" desapareceu. É como se quiséssemos curar um morto. E este ar industrial parece que mascara a economia de mercado. Essa economia mascara outra, que chamo de segunda economia, ou economia virtual.

Como funciona a economia virtual?

VF - É puramente especulativa, onde não se investe. É uma

economia de cassino e de book-makers, não é baseada em nenhuma atividade real. Não cria nenhum emprego e domina o mercado.

Estamos vivendo nessa economia?

VF - Vivemos ainda, com relação ao emprego e, em consequência, ao desemprego, com os mesmos conceitos do século 19, quando o emprego era a norma. O fim do emprego era uma utopia. Díziamos que se nos liberássemos dos trabalhos que as máquinas podem fazer, teríamos mais tempo livre para o lazer, para o prazer, para trabalhos mais interessantes. O mesmo acontece com as tecnologias de ponta e a globalização. Não sou contra, isso seria uma grande besteira. Gostaria que a globalização fosse tomada e pensada pela política, mas isso não acontece. Precisamos mudar de política, mudar a maneira de pensar a política, já que a sociedade e a civilização mudam. Ao ainda viver com esses conceitos, encorajamos a vergonha que os desempregados sentem por estarem desempregados. Quando estava escrevendo meu livro, quando era difícil de continuar, eu me dizia: "se dez desempregados lerem o livro e perderem a vergonha de se encontrarem nessa situação, já valeu a pena de ter escrito". Em cada conferência que faço percebo que atingi esse objetivo. Muitos desempregados me dizem que depois de terem lido meu livro perderam essa vergonha. E sabe o que eles fazem?



Eles fotocopiam as páginas onde escrevi isso e colam nos murais das agências de emprego. O lucro é o motor da sociedade. Eu era totalmente contra a União Soviética, mas acredito que, de uma certa maneira, vivemos numa sociedade simétrica àquela. A URSS tinha uma única lógica: suprimir o lucro. A nossa sociedade tem uma só lógica: favorecer o lucro. E ainda por cima sem falar nisso.

A senhora falou em mudar a política. Como seria essa nova política?

VF - A primeira coisa é olhar a sociedade de maneira realista e parar de dizer que a situação será remediada, de nos fazer mendigar empregos e de fazer as pessoas passarem suas vidas procurando empregos que não encontrarão. Não se pode brincar com essa falsidade. Outro passo é uma repartição diferente das riquezas. É sempre para as mesmas pessoas que se pede para dividir, e essas pessoas têm sempre muito pouco. Outra coisa é se revoltar contra a flexibilidade.

De que maneira?

VF - Dou o exemplo de Vivorde (Bélgica), que era uma fábrica exemplar, onde os operários fizeram tudo o que lhes foi pedido e agora ela foi fechada. Mais de três mil pessoas. Outras filiais européias da Renault se mobilizaram. Os operários de Vivorde tiveram coragem de abrir um processo contra a Renault. Isto pode ser o anúncio de uma "Europa social". Precisa existir o contra-poder.

Esses empregados serão reintegrados na sociedade?

VF - Não sei. Quando a fábrica foi fechada, as ações da Renault subiram. Vivemos numa sociedade onde os países se tornam mais ricos quando existe o desemprego. O melhor meio de conseguir lucro para uma empresa é demitir, suprimir o trabalho. A França pode ser prova disso: temos uma alta taxa de desemprego, e a França ficou mais rica. Outro exemplo aconteceu nos Estados Unidos. Em março de 1996, a imprensa noticiou que o desemprego havia diminuído lá. Ao

mesmo tempo, todas as bolsas de valores do planeta caíram espetacularmente. O paradoxo disto é qualquer coisa para se pensar.

Acredita que a imigração dos países do Terceiro Mundo aumenta o desemprego na Europa?

VF - Não. De jeito nenhum. Acho que existe uma circulação livre de capitais pelo mundo, mas não de pessoas. E na França, onde a questão da imigração é super debatida neste momento, nós focalizamos a opinião pública sobre os imigrantes, dizendo que eles são a causa do desemprego. Isso é falso. Assim se desvia a atenção do verdadeiro problema. Digo no meu livro que se impede de entrarem os fracos, que tentam sobreviver em nosso país, mas ignoram as potências que desertam com seus capitais e suas empresas. Penso que esta caça ao estrangeiro é uma caça ao pobre. As pessoas que votam em Le Pen (extrema-direita) porque o vizinho é imigrante, verão mais tarde que o problema é o pobre, não o imigrante.

@ Na nossa cidade o desemprego é um problema? Quais as causas mais imediatas? Esse problema atinge as nossas famílias e pessoas que conhecemos?

@ Quais nos parecem ser as causas estruturais do desemprego no modelo de sociedade em que vivemos?

@ Que perspectivas temos sobre o futuro? Como imaginamos que será o mercado de trabalho para os nossos filhos?

@ O que podem esperar desse modelo econômico as famílias das classes mais pobres? Temos condições para criar empregos em nossa cidade?

Kasparov x Deep Blue

Eustáquio Gallejones

Psicólogo

E se a gente fosse máquina? Não seria bom? Uma maquininha dessas que alguém dá corda e começa a funcionar. Não. Melhor se fosse elétrica. Liga-se na tomada e pronto: brrrrrr. Gira, gira, gira e nunca pára, com aquele rom-rom de gato dormindo em sofá. Ainda melhor se funcionasse com pilha. Pode funcionar em qualquer lugar.

Computador já faz de tudo. Ou quase tudo. Nem faz brrrrr e ganha torneio de xadrez. Só não escreve artigos... Mas computador é leso. Fica olhando para a gente com aquele ar abobalhado, babando pelo canto da boca semi-aberta... A gente tem vontade de apertar Ctrl+Alt+Del e mandar tudo para... onde? Para onde se pode mandar um computador de cara abobalhada?

Tem gente que tem medo do computador. Outros o reverenciam. Quase como se fosse um deus.

Eu não tenho medo dele, nem o reverencio. O problema é que ele tampouco tem medo de mim e não me guarda o menor respeito! Dia desses ele chegou ao cúmulo de pegar quatro páginas que eu tinha escrito com enorme esforço, rasgá-las, mastigá-las e jogá-las pela janela do monitor. E nem fez o brrrrr...

Passada a fase de admiração, superada a fase do medo, eu prevejo um tempo de grandes conflitos entre a máquina e o homem.

Hoje o homem, criador da máquina, ainda vive assustado com ela. Mesmo os mais cépticos sentem um certo arrepio quando descobrem do que ela é capaz. "Não me diga, o computador derrotou mesmo o campeão Kasparov?" Pode ser que daqui a algum tempo o ser humano recupere os seus brios. Mas que antes vai dar briga, isso vai. Eu não sei se todo mundo vê as coisas como eu as vejo. Até gostaria que não. Para mim, uma boa parte das loucuras que castigaram o mundo a partir sobretudo dos anos cinquenta, foi provocada pela máquina ou pelo que está por trás ou por baixo dela.

Para começar: a máquina "matou" Deus. O poder das máquinas de guerra, o poder dos monstros atômicos, o poder dos laboratórios se impôs de uma forma tão absoluta que Deus se tornou desnecessário. É fantástico observar como - no mundo inteiro mas especialmente nos países tidos como os mais católicos - as pessoas tratam o assunto Deus. Colocam luvas para tocar no assunto. Reparem as reticências, os porém, as ressalvas, as

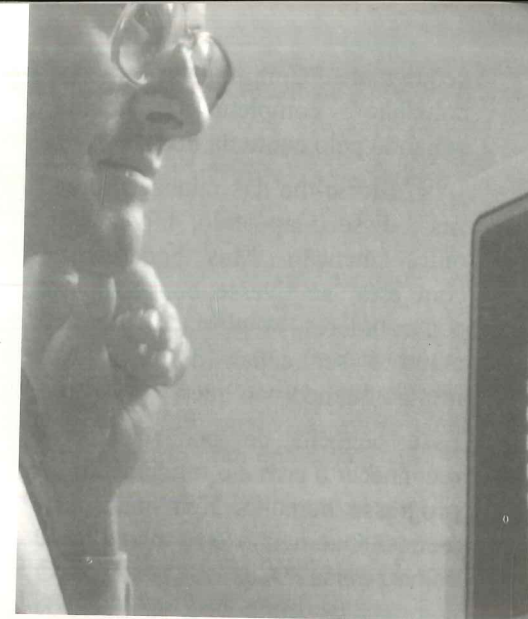
circunlocuções... Ninguém quer se comprometer em se manifestar religioso, crente, temente a Deus. Não é "culturalmente correto". Que o "po-vinho iletrado" e humilde acredite... mas a gente?... Como se para não crer fosse necessária menos fé do que para crer!

É batata: quando as ações de Deus caem nas bolsas de valores, despencam igualmente as ações dos valores humanos.

O caso da derrota do campeão de xadrez que enfrentou o computador merece uma reflexão. O interessante é que Kasparov não foi propriamente derrotado pela máquina. Ele se derrotou a si mesmo. E com ele, claro, todos os bobos que ficaram torcendo em volta do tabuleiro.

No fim do torneio, Kasparov dá um murro na mesa - que é a única peça sem culpa nesse episódio... Fecha a cara e sai pisando duro. Jura que nunca mais desafia a máquina (mas se tornarem a oferecer-lhe os quatrocentos mil dólares, não se sabe...)

Mas é evidente que era por aí que ele devia ter começado. Não desafiar a máquina. Quem desafia a máquina se iguala a ela. O ser humano pertence a uma casta superior, só deve confrontar-se com seus iguais. Em que está a superioridade do homem? No meu entender, a grande e maravilhosa superioridade dos homens está em que eles podem errar e o computador não. Kasparov



A superioridade do homem sobre a máquina está em que ele pode errar e a máquina não pode

errou. Quando errou, deveria ter levantado os braços para os céus para dar graças ao bom Deus. "Graças, Senhor, porque finalmente errei". *Errare humanum est*, aprendemos em latim.

Errar é a grande prova de que se é humano. Animal irracional não erra. Computador também não: fica olhando para o Kasparov com aquela cara abobalhada. Kasparov mexe com o bispo (antigamente ninguém se atrevia a mexer com bispos, mas isso é outra história...). O computador responde com a torre. Kasparov insiste com o cavalo. O computador dá uma gargalhada idiota e...

xeque-mate. "Computador não erra, bobalhão", completa a máquina, babando pelo canto da boca.

"Glorio-me das minhas fraquezas", disse o apóstolo, talvez com outra intenção. Mas poderia ser com esta, se tivesse conhecido os computadores. A glória do ser humano é ser capaz de errar, até mesmo quando não quer.

Esse negócio de poder errar e reconhecer o erro é o fundamento do progresso humano. Nem mais nem menos. Quem não erra não cresce como pessoa. Deus não progride. O computador tampouco. O fato de não poder progredir é a glória de Deus e a miséria do computador. E entre os dois, fica o homem.

É pena que muitos, talvez a maioria das pessoas não entenda as

A pessoa humana só cresce na medida em que erra e se arrepende do seu erro

coisas assim. É lamentável que tendo criado as máquinas de guerra, os monstros atômicos e as forças dos laboratórios, os homens, em sua maioria, tenham se decidido pela "morte" de Deus. Deram uma de Deep Blue, o computador que Kasparov enfrentou.

"Te derrotei", disse babando o computador.

"Tolo! Daqui a um ano e meio você estará no lixo, obsoleto e imprestável, enquanto eu continuarei a mexer com os meus peões".



De uma velha fábula do Indústão. Seis homens cegos esbarram num elefante que repousa. Tentam descobrir do que se trata. O primeiro a tropeçar no animal vai logo dizendo: "é uma espécie de parede". O segundo, apalpando as presas pontiagudas do elefante garante: "esbarramos num par de lanças de algum guerreiro". O terceiro pisa na tromba e descobre: "não é parede nem lança, apenas uma cobra bem grossa". O quarto apalpa uma das patas e desmente os demais: "que bobagem, é um tronco de árvore". Enquanto isso, o quinto sacode uma das orelhas do paquiderme e pondera: "é um abano de gigante". O sexto está agarrando o rabo e desconfia: "é uma corda bem forte e pesada". Cada qual defendendo a sua idéia, começam a discutir, sem chegar a nenhuma conclusão, enquanto o elefante, aborrecido com o incômodo se afasta. E jamais poderão saber o que seja um elefante porque, cada um com uma parte da verdade, bem longe ficaram todos da verdade inteira. (Extraído de poema-apólogo de John G. Saxe)

Corrupção: câncer social

Editorial

Sai de campo a imobiliária que lesou 42 mil sacrificados brasileiros, sem que nada tenha acontecido com os golpistas, suficientemente ricos para convencerem a imprensa de parar com essa perseguição incômoda das manchetes. Volta às primeiras páginas dos jornais a famosa Jorgina do INSS. Seus cúmplices menos espertos foram presos e condenados na época da descoberta dos golpes milionários mas já se prepararam para a liberdade condicional. O que lhes permitirá curtir uma tranquila aposentadoria com os milhões roubados dos demais aposentados do INSS, depois desse curto contratempo de residência atrás de grades. A líder da quadrilha, finalmente presa em Costa Rica, tem mais de 100 milhões roubados, depositados em segurança em paraísos fiscais. Com essa fortuna fabulosa, vai contar com os melhores advogados para reduzir, ao mínimo, os incômodos de uma hospedagem temporária em prisão especial - isto se não conseguir escapar dela por algum artifício esperto e bem remunerado.

Em entrevista badalada, pediu garantia de vida, porque ainda é um arquivo vivo, capaz de abrir a boca,

desvendar a rede de cumplicidades e levar outros juízes, procuradores, advogados e altos funcionários ao infortúnio da perda da parte que lhes tocou do bolo milionário.

De quebra, mais um deputado de uma Assembléia Legislativa é desmascarado: os funcionários que lotam o seu gabinete repassam 2/3 dos seus salários para a conta bancária de Sua Excelência. Conversas de corredores indicam que essa é uma prática comum, imposta pela necessidade de reposição dos gastos das campanhas eleitorais. Enquanto isso, o outro Deputado Federal que alugou a mandato à suplente, foi absolvido, coitado. E o caso dos que receberam a gorda propina pelos votos que faltavam para a emenda da reeleição, não deu em nada.

Dias antes o também famoso e esperto mega-especulador, o milionário Nagi Nahas, que quebrou várias corretoras com cheques sem fundos em operações fraudulentas nas bolsas de valores, depois de anos de manobras na justiça, foi condenado a alguns anos de prisão. Mas antes fugiu para o exterior e só retornou depois de negociações para garantia de não ser preso por sujar

o colarinho branco, enquanto recorre *contra tão injusta condenação*. Estão garantidos mais alguns anos de feliz desfrute da riqueza em finas rodas da sociedade. Basta recordar a recente e sensacional festa de casamento da filha do fraudador.

Não sei se já repararam: em todos os filmes policiais americanos em que um bandido sai rico de um golpe sujo, ele planeja, e às vezes consegue, fugir para o Brasil. Sempre para o Brasil. Prestem atenção. O Rio de Janeiro é o destino certo do bilhete aéreo que ele coloca na carteira, ao tomar o táxi para o aeroporto, geralmente acompanhado da linda cúmplice. Certamente é pela beleza da cidade.

Na visita do Presidente Clinton ao Brasil, o desastrado embaixador norte-americano deixou escapar, via Internet, o que pensa a sua equipe sobre o país que a hospeda. Lá se diz que a corrupção no Brasil é *endêmica*. Essa afirmação é verdadeira, mas realmente intolerável na boca de diplomatas estrangeiros que representam, no Brasil, países não menos corruptos e corruptores. Por isso, causou um incidente diplomático, com firme reação das autoridades brasileiras. O desfecho foi ridículo. Depois de um puxão de orelhas do chefe, o embaixador pediu desculpas públicas e anunciou que ordenara a supressão do adjetivo *endêmica* do relatório desastrado. Só isso! E a diplomacia brasileira se deu por satisfeita, recebendo com sorrisos o presidente visitante.



As propinas para fechar os olhos de quem os devia ter bem abertos é uma prática que virou hábito social e já não escandaliza ninguém.

Recentemente, em Lima, Peru, foi realizada uma Conferência Internacional sobre a Corrupção. Mais de mil participantes do mundo inteiro. Nenhuma linha na imprensa nacional. No importante evento, a constatação da globalização da corrupção. Um câncer social. Corrói todos os tecidos, se desdobra em metástases por todo o organismo e leva a uma morte inglória todos os sonhos de uma ordem mais justa nesse mundo que Deus criou para o Homem. A impunidade é uma das causas. Polícia e justiça venais trocam impunidade pelo suborno que sai do produto do roubo. Outras causas estão ligadas à própria filosofia que suporta o modelo econômico liberal: a busca desenfreada de lucro e riqueza, e do gozo e prazer

A corrupção é um câncer social que corrói todos os tecidos e cujas metástases vão matando as chances de mudanças sociais profundas.

consequentes, anunciados pela TV em belos cenários, que só a riqueza permite conquistar. Também o poder de decidir sobre penalizar ou não penalizar é fonte de corrupção: desde as grandes negociatas fiscais, ou do poder de multar ou "fechar os olhos" para a vultosa sonegação descoberta nos livros da empresa, até a tradicional "cerveja" ao guarda de trânsito para cancelar uma multa.

Está na hora de dizer *basta!* Não se recupera uma nação sem

antes se estirpar o tumor e suas metástases. O corpo doente não suporta medidas de impacto social capazes de reverter os males de todo um sistema injusto, excludente e opressor. A imprensa livre, com suas manchetes, tem papel fundamental mas insuficiente. Porque também sujeita a se corromper para silenciar, como se constata com triste evidência. São as estruturas sociais intermediárias - associações, sindicatos, igrejas, institutos e fundações - através das quais se exerce a cidadania, que terão o papel decisivo nesse esforço, às vezes perigoso, de denunciar e levar às últimas consequências a guerra (porque é guerra) contra a corrupção no nosso sofrido país.

De nossa parte, caro leitor, comecemos, pelo menos, pelo guarda de trânsito...

@ A corrupção também acontece na nossa cidade? Que exemplos podem ser lembrados?

@ Temos condições de reagir a essas práticas? Denunciando? Dando exemplo? Como? O que estamos dispostos a fazer contra esse câncer social?



Atenção, professores. A Câmara dos Deputados abriu concurso para admitir operadores de xerox com salário de 1.800 reais. Se você sabe ou é capaz de aprender a tirar cópias, corra e consiga o salário dos seus sonhos de professor.

Leia e assine **Fato e Razão**, a revista da família brasileira

A propriedade privada e a Igreja

Pedro Roumié
Médico - Belém, PA

Santo Tomás de Aquino certa feita se perguntou: “Pode alguém possuir alguma coisa como própria?”

Ele se interrogou sobre os méritos respectivos da posse como própria e da posse comum e concluiu que a “propriedade”, *com a condição de não destruir a “comunidade” no uso*, é necessária à sociedade, porque engendra uma gestão melhor, a ordem e a paz.

Para Santo Tomás, a coisa privada pode ser possuída de modo próprio ou comum. Ela, em si, não se opõe à coisa pública.

Em si, portanto, a propriedade privada não é má, antes é recomendável desde que respeite a comunidade e não a prejudique no uso.

O Papa João XXIII, na encíclica “Mater et Magistra” (109) afirma que a propriedade privada, mesmo a dos meios de produção, é um direito natural. Ela tem um valor “personalizante” pelas responsabilidades que confere. Ela estabelece o lar doméstico, do qual é, por assim dizer, o “espaço vital”. Ela condiciona a iniciativa econômica dos particulares e de suas associa-

ções privadas. Ela é a infraestrutura necessária de uma cidade livre.

Já o Papa Pio XI ensinava que “a propriedade tem um duplo aspecto: individual e social (...) conforme ela sirva ao interesse particular ou diga respeito ao bem comum. (...) É da natureza, e logo do Criador, que os homens receberam o direito de propriedade privada, simultaneamente para que cada um possa prover a sua subsistência a dos seus, e para que, graças a essa instituição, os bens colocados pelo Criador à disposição da humanidade, preencham efetivamente seu destino: o que só pode ser realizado pela manutenção de uma certa ordem, certa e regulamentada” (Quadragesimo Anno, 51).

Ainda Pio XI insiste: “É pois um duplo obstáculo contra o qual é importante resguardar-se cuidadosamente: do mesmo modo, com efeito, que negar ou atenuar ao máximo o aspecto social e público do direito de propriedade é cair no individualismo, ou pelo menos dele se aproximar, do mesmo modo, rechaçando ou encobrindo seu aspecto



“Milhões de homens se vêem obrigados a cultivar as terras dos outros e são explorados pelos latifundiários, sem esperança de algum dia poderem chegar à posse nem sequer de um pedaço mínimo de terra como sua propriedade” ((João Paulo II - Laborem Exercens)

individual, cairíamos infalivelmente no coletivismo (Q.A. 51).

Na encíclica “Rerum Novarum” (19), Leão XIII explicita: “Mas se perguntarmos em que é necessário constituir o uso dos bens, a Igreja responde sem hesitação: sob este aspecto, o homem não deve tomar as coisas exteriores por privadas, mas por comuns, de tal modo que as partilhe com os outros nas necessidades”. É o que dizia antes Santo Tomás.

Mas o que é social no direito de propriedade? *Sem dúvida é o uso, é o destino dos bens*. João XXIII nos diz que “a propriedade tem uma função social e essa função não é um bem acessório, nem de

acréscimo, ela está inclusa no direito de propriedade” (M.M. 119).

Paulo VI, na encíclica *Populorum Progressio* (22) diz que “não constitui a propriedade privada um direito incondicional e absoluto. Sua finalidade primeira é facilitar a realização do direito de todos ao uso dos bens”.

O que é individual no direito de propriedade privada, para Santo Tomás de Aquino, é um verdadeiro poder sobre os bens possuídos. Poder de gerir e de distribuir. Por causa desse poder, o proprietário pode e deve usar da propriedade para a sua sobrevivência e dos seus, sem esquecer contudo da “parte dos outros”. É por isso que na *Popu-*

lorum Progressio lemos: "O supérfluo dos países ricos deve servir aos países pobres" (P.P. 49).

João Paulo II, na encíclica *Laborem Exercens*, de 1961 (21), constata a realidade de que "em certos países em via de desenvolvimento há milhões de homens que se vêem obrigados a cultivar as terras dos outros e que são explorados pelos latifundiários, sem esperança de alguma vez poderem chegar à posse nem sequer de um pedaço mínimo de terra como sua propriedade" (...) "Longas jornadas de duro trabalho físico são pagas miseravelmente. Terras cultiváveis são deixadas ao abandono pelos proprietários: títulos legais para a posse de um pedaço de terra, cultivado por conta própria há anos, são preteridos ou ficam sem defesa diante da fome de terra de indivíduos ou de grupos mais poderosos".

"Deus destinou a terra, com tudo o que ela contém, para uso de todos os homens e povos, de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos. (...) Todos têm o direito de ter uma parte de bens suficientes para si e suas famílias. *Aquele que se encontrar em extrema necessidade tem o direito de tomar, dos bens dos outros, o que necessita*" (*Gaudium et Spes*, 69 - Concílio Vaticano II).

Paulo VI nos ensina que a terra foi dada a todos e não apenas aos que são ricos. Quer dizer que a propriedade privada não constitui

"Aquele que se encontrar em extrema necessidade tem o direito de tomar, dos bens dos outros, o que necessita" (GS, 69)

para ninguém direito incondicional e absoluto. Ninguém tem o direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando os outros sentem falta do necessário (P.P. 23).

Daí, depois dessa exaustiva pesquisa doutrinária, da Igreja, decorre o nosso repúdio público ao parecer de dois juristas contratados pela TFP, que defendem o uso da violência e o emprego de armas pelos proprietários, na "defesa" de "suas" terras.

Estamos vivendo um tempo historicamente precioso, quando no Brasil se ensaiam os primeiros passos para uma reforma agrária. É necessário que os cristãos e todos os interessados na defesa do bem comum não se desviem nem se deixem desviar desse objetivo socialmente tão importante. Não há tempo a perder na sua efetivação. Nenhum cristão pode deixar de apoiá-la. A opinião pública deve desenvolver uma crescente consciência crítica e política dos problemas que afetam a terra, a moradia, os homens, a fraternidade, a paz, a justiça.

"Alguém que reflete sobre a realidade da América Latina, tal

como se apresenta na hora atual, é levado a concordar com a afirmação de que a realização da justiça neste continente está diante de um claro dilema: ou se faz através de reformas profundas e corajosas, segundo princípios que exprimem a supremacia da dignidade humana, ou se fará - mas sem resultado duradouro e sem benefício para o homem, disto estou convencido - pelas forças da violência". (discurso de João Paulo II, em Salvador, BA - 1980).

Ainda João Paulo II, ao visitar a Favela do Vidigal, no Rio, afirmou: "Fazei tudo a fim de que desapareça, ao menos gradativamente, aquele abismo que separa os exc-

sivamente ricos, pouco numerosos, das grandes multidões dos pobres, daqueles que vivem na miséria, que vivem nas favelas. Fazei tudo para que este abismo não aumente, mas diminua, para que se tenda à igualdade social".

Repitamos com o salmista: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam" (Salmo 24,1). E com os bispos brasileiros que já afirmaram, desde 1985: "Sem reforma agrária não haverá verdadeira paz neste país".

De uma coisa entretanto fiquemos certos: a reforma agrária deslançou e é irreversível.

@ *Estas posições oficiais da Igreja e de seus teólogos é suficientemente conhecida? Nós mesmos as conhecemos bem?*

@ *Que papel nos toca nesse empenho por mais justiça na posse da terra?*

@ *Há conflitos na região em que vivemos? O que podemos fazer?*



Para compreender o que é o neoliberalismo. Os Estados Unidos, cujo modelo econômico liberal foi o escolhido pelo atual governo para o nosso país, atingiu agora o seu mais baixo índice de desemprego: apenas 4,9% dos norte-americanos estão desempregados. Há festa no País? Não. Alan Greenspan, Presidente do Federal Reserve Board, o Banco Central de lá, o homem que controla as finanças do país, foi ao Senado para advertir os parlamentares para o perigo que representa para a economia norte-americana essa grave redução do desemprego no país. Aponta para o perigo de um colapso na estabilidade financeira, o retorno da inflação e outras tragédias. No dia seguinte a essa advertência, houve queda na Bolsa de Nova Iorque e o povo acordou preocupado. Prevêem a retomada da elevação dos juros, para desaquecer a economia e... aumentar de novo o desemprego, para proteger a economia do país mais poderoso e rico do mundo!

Maria, mulher pobre e simples do povo

Os Evangelhos nos mostram:

Maria como mulher pobre, mulher simples do povo, da cidade desprezada de Nazareth (Lc 1,27; 2,7).

Mulher de fé, que ouve, reflete, decide, mesmo sem compreender tudo o que lhe acontece ou que lhe é revelado pelo Senhor Deus (Lc 1,45; 1,29; 2,50).

Mulher discípula que ouve a palavra de Deus e a coloca em prática. Por isso a proclamam bem-aventurada todas as gerações (Lc 1,48).

Maria é a virgem fiel, em quem se cumpre a bem-aventurança maior: "feliz porque acreditou" (Lc 1,45).

Maria, mulher forte, que conheceu de perto a pobreza, a dor, a fuga para o Egito em defesa da vida de Jesus-menino (Cf. Mt 2,13-23). Nos momentos cruciais da vida de Jesus, lá está ela, firme e corajosa.

Maria é mulher, é a bendita entre as mulheres. Nela Deus dignifica a mulher, elevando-a a dimensões então inimagináveis (D.P.299).

Maria, mulher que, com sua fé e ação, está atenta às necessidades da comunidade e intercede por ela junto a Jesus (C.F. Jo 2,1-12).

Maria do sim, que se abandona totalmente à vontade de Deus (Lc 1,38).

Maria do não a todas as forças que impedem a realização do projeto de Deus. Que não hesitou em afirmar que Deus eleva os humildes e derruba dos seus tronos os poderosos Paulo VI, M.Cultos, 37).

Maria, invocada na América Latina como mãe de Deus e dos pobres, dos encarcerados, dos desempregados, dos sem-terra.

Maria que marcha conosco pelas estradas da vida, é força e inspiração daqueles que têm

fome e sede de justiça e buscam construir a paz verdadeira.

Olhemos para Maria, educadora da Fé, como luz para uma evangelização renovada. Exemplo a seguir para que o Evangelho penetre profundamente em nossa vida, na vida de nossas famílias, grupos, comunidades e povo.

(Extraído de "Informação" - MFC-SC)



@ O que representa Maria e seu exemplo de vida para a nossa própria vida? Quais as atitudes de Maria que mais nos sensibilizam?



Passos concretos para o ecumenismo. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), do qual fazem parte as Igrejas Católica e Protestantes, apresenta a versão ecumênica do Pai-Nosso e do Credo.

Pai Nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos dá hoje. Perdôa-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, pois teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo. Nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu à mansão dos mortos. Ressuscitou ao terceiro dia. Subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai, todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Universal, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo, na vida eterna. Amém.

A construção do autoconceito

Jorge La Rosa

Professor PUC/RS

Deonira Lúcia V. La Rosa

Mestre em Psicologia

O autoconceito é a idéia ou juízo que o indivíduo faz de si mesmo. Pode-se dizer que “em termos gerais, o autoconceito é a percepção que a pessoa tem de si mesma; em termos específicos, são as atitudes, sentimentos e conhecimentos a respeito de suas capacidades, habilidades, aparência e aceitabilidade social”.

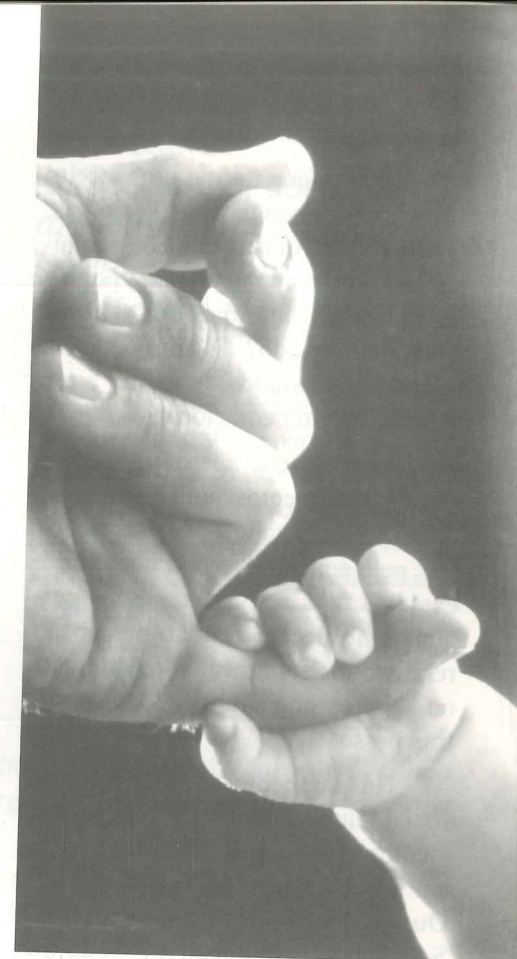
O indivíduo constrói o autoconceito ao longo da vida, a partir de suas experiências pessoais ocorridas em determinada cultura e em certo tempo, sendo cruciais, mas não determinantes, os primeiros anos de vida. A imagem que uma criança tem de si é basicamente o conceito que os adultos têm dela e que manifestam em suas relações. Se a criança é amada e respeitada, ela se julga um ser valioso e o seu autoconceito refletirá essa relação; se é escoraçada e rejeitada, ela não se atribui valor algum e a sua auto-percepção espelhará essa rejeição. A avaliação que os adultos fazem das crianças e que manifestam nas suas relações, torna-se a avaliação que os menores introjetam e passa a

constituir elemento de seu autoconceito/auto-estima. Aliás, o processo começa desde o nascimento, ou para sermos exatos, desde a concepção. A gravidez desejada produz os melhores sentimentos na mãe, os quais são passados para o feto; uma gravidez não desejada transmite sentimentos de rejeição (e a rejeição é uma forma de ódio). No ventre materno a criança começa a construir o seu autoconceito e o quanto ela é valiosa, ou não!

Erik Erikson, um renomado psiquiatra, chama a atenção para a importância do primeiro ano de vida, onde o desafio é o desenvolvimento da confiança básica versus desconfiança. Se o bebê é atendido nas suas necessidades de alimentação, de higiene e afeto, ele desenvolve a confiança no mundo que o cerca, quer dizer, nas pessoas significativas que constituem o seu mundo relacional, e se experimenta, também como um ser valioso. Se, ao contrário, quando está com fome não lhe dão alimento, se está molhado não lhe trocam as fraldas, ou se fica abandonado no berço sem

sentir o calor humano ao longo de seus dias, torna-se desconfiado em relação às pessoas que o cercam como capazes de prover as suas necessidades. E o seu sentimento de valia fica comprometido.

O processo de construção do autoconceito é fortemente dependente do meio social até a adolescência. O período marca uma fase de questionamento. O adolescente questiona o mundo e seus valores, os adultos e suas comovisões. E questionará, também, a percepção de si mesmo recebida das pessoas significativas. Mas, para que isso ocorra, é necessário um certo apoio social, o qual encontrará em seus companheiros de idade. A partir dessa fase, o autoconceito, ou seja, o juízo que o indivíduo emite sobre as próprias capacidades, sentimentos e dignidade será sempre o resultado do jogo dialético da subjetividade e do juízo emitido pelos outros, em que o peso de um ou outro polo poderá ser maior ou menor dependendo do período evolutivo ou área em questão. Assim, alguém poderá ser muito dependente do juízo alheio quando se trata de uma avaliação do desempenho profissional, mas muito independente quando está em questão a sua moralidade. O adolescente poderá também ser muito sensível aos seus companheiros quando se trata da avaliação do seu vestuário, enquanto que, quando estiver na casa dos quarenta, poderá poderá desconsiderar esse ponto de vista dos outros. Em todos os casos, o



A imagem que uma criança tem de si é basicamente o conceito que os adultos têm dela e o manifestam nas suas relações

que penso de mim é o resultado de minhas próprias avaliações e das avaliações dos outros, com pesos variados de um ou outro aspecto.

O autoconceito se define como multifacético, quer dizer, implica em múltiplas dimensões. Uma delas é a auto-imagem corporal que se obtém a partir das respostas a questões, tais como: O que penso de

minha aparência física? Estou satisfeito com o corpo que tenho? Gostaria que algo fosse diferente?

Outra face do autoconceito surge das indagações seguintes: Quais são as minhas emoções dominantes? Sou comumente uma pessoa bem-amada? Sinto-me feliz? Ou me sinto desanimado? O auto-conceito relativo aos estados de ânimo é um aspecto da vida emocional.

E em relação aos outros, quais são os sentimentos mais correntes? Afeto? Aceitação? Valorização? Ou, pelo contrário, tendo a rejeitar e excluir?... As respostas a essas perguntas fornecem a auto-percepção relativa aos sentimentos relacionais, ou seja, os que são dirigidos às outras pessoas.

Há também um autoconceito social que emerge de questionamentos, tais como: Gosto de estar em grupo? Sou aceito pelos outros? Ou, ao contrário, fujo do convívio? Sou pouco comunicativo? Sinto-me rejeitado?

A auto-imagem ocupacional é o juízo que faço de mim enquanto profissional, de minha capacidade e, também, do esforço e dedicação dispendidos. Há, ainda, um autoconceito ético, que me diz se eu me julgo uma pessoa digna ou indigna, honesta ou desonesta. Íntegra ou corrupta, e em que grau. Aliás, é preciso que se frize que em qualquer aspecto ou dimensão do autoconceito, a avaliação não se faz em termos de tudo ou nada, de ter ou

O indivíduo constrói o autoconceito ao longo da sua vida, a partir de suas experiências pessoais

não ter, mas em termos de uma graduação: em que grau possuímos determinada característica? Existem instrumentos psicológicos que permitam uma avaliação nessas dimensões.

Os aspectos do autoconceito acima sugeridos são gerais e, segundo pesquisas, são observáveis na maioria das pessoas. Há, ainda, outras dimensões da auto-imagem que são específicas, e que decorrem de situações particulares. Aqueles que são pais certamente têm uma avaliação de como exercem a paternidade e se relacionam com os filhos, dispensando-lhes atenção e cuidando de suas necessidades materiais e espirituais. O esposo ou esposa terá, indubitavelmente uma percepção de como exerce a função de cônjuge, no que se refere ao companheirismo, partilha, intimidade... O cristão, igualmente, se avalia quanto próximo ou distante está de seu modelo perene, e constrói um conceito de si mesmo como cristão. São facetas particulares.

Muitos elementos contribuem para a formação do autoconceito, como o meio familiar, a classe social a que o indivíduo pertence, a cultura na qual está inserido, entre outros. Sem dúvida, a religião e a fé influenciam a imagem que cons-

truímos a nosso respeito. A passagem do Gênesis (1,26) que narra a criação do homem contribui com elementos relevantes para a construção da auto-estima das pessoas que aceitam a Bíblia como revelação de Deus. Diz o texto: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra". Ser criado à semelhança de Deus não deixará espaço para sentimentos de inferioridade, nem de menos valia. A mensagem de Jesus, por outro lado, proclama que somos filhos de Deus, chamados a construir o seu Reino e dele

Muitos elementos contribuem para a formação do autoconceito, como o meio familiar, a classe social, a cultura, a religião e a fé

participar, o que levanta o ânimo de qualquer mortal e energiza a mais débil criatura. A fé na revelação cristã é, inquestionavelmente, o melhor tônico para um autoconceito saudável e uma elevada auto-estima. É um tesouro que carregamos em vasos de argila! Deus seja bendito!

@ Um bom exercício: Que conceito temos de nós mesmos? Como respondemos a cada uma dessas perguntas com que avaliamos a nossa auto-estima?

@ Que influências sofremos do meio em que nos movemos?



Dívida externa: fruto da corrupção e do armamento. A declaração foi feita pelo Bispo Christian Precht, Secretário-Adjunto do CELAM, no Encontro Continental de Países Pobres Altamente Endividados, recentemente realizado em Tegucigalpa, do qual participaram representantes do Banco Mundial e do FMI. No mês anterior, em Roma, o Arcebispo Mons. Oscar Rodríguez, Presidente do CELAM, havia afirmado perante representantes daquelas organizações financeiras: "Não revelo nenhum mistério se afirmo que nem todas as ajudas econômicas externas chegaram aos seus destinatários. Boa parte das ajudas que formam a dívida externa terminou nas mãos dos corruptos. Deste modo, a luta contra a corrupção é a melhor resposta que nossos países podem oferecer aos organismos financeiros internacionais para reduzir a dívida". (Boletim CNBB n.28-1421).

Não costumamos incluir a arte culinária entre as artes clássicas, nem damos a ela uma posição de dignidade entre as atividades humanas. No entanto, alimentar-se é a mais vital e antiga das atividades dos animais e dos homens, e a culinária a mais essencial e antiga de todas as artes. Por meio dela os homens, em todas as culturas e em todos os tempos, prepararam os elementos naturais para serem consumidos com prazer e em grupo. Assim o mundo se faz homem e o homem, humanidade.

"Comei isto em memória de mim"

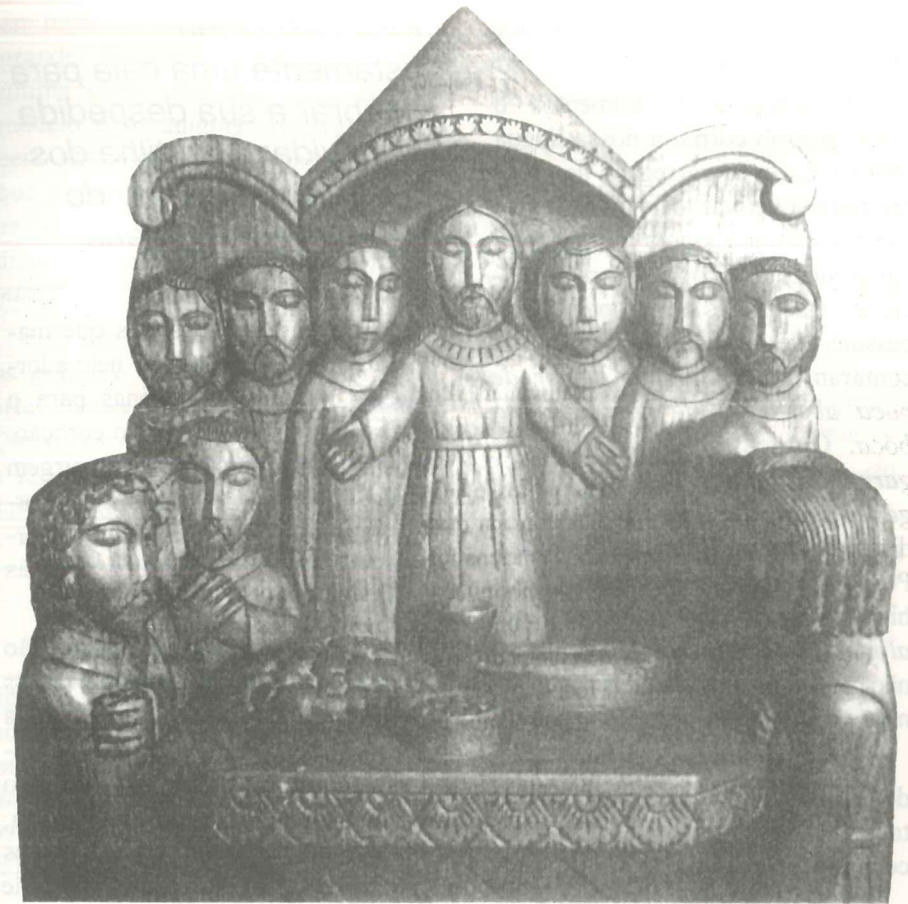
José Inácio Parente
Psicanalista e poeta

A arte culinária encerra segredos e muitas curiosidades. Ela é generosa e deseja ser destruída pois é na sua destruição que ganha sentido. Os objetos desta arte não são feitos para perdurar, para serem guardados ou exibidos nas paredes. Eles devem ser consumidos imediatamente e seu destino é se transformar no corpo do outro e desaparecer. Seu único museu é a memória.

Seu espaço principal é a família. Lar vem do latim *lare*, que é o lugar onde se acende o fogo, a lareira, como sugerindo que a cozinha e a família tiveram a mesma origem. O fogão é o fogo, que vem de *focus*, o fogo central. Ceia vem de *cæna*, a

cena principal. Comer é sempre coletivo pois vem de *cum edere*, alimentar-se com alguém. Sabor tem origem semelhante à de saber, e sábio (*sapidus*) é aquele que tem sabor, oposto a *insipidus*.

A arte culinária está presente no dia-a-dia mais comum de todas as famílias, motivo de orgulho dos pais e regozijo dos filhos. As refeições, servidas com arte e comidas com prazer, alimentam a alma da família. Essa arte está presente nos dias especiais, nos aniversários e casamentos, nos rituais religiosos de todos os credos. Comemos e bebemos para comemorar, para partilhar a colheita e a fé, para festejar a vida.



Expedito, Santa Ceia. Casa do Pontal

Arte completa. Diferente de outras artes, ela convoca simultaneamente a visão, o olfato, o paladar e o tato. Um prato pode ser uma obra de arte completa. O cozinheiro (*culinarius*) é um pintor e escultor, mestre das cores e das formas fugidias. É diferente do teatro porque o palco, a mesa, é a platéia. Assemelha-se à música, pois quem prepara os alimentos é o maestro da harmonia. Com sete notas apenas e poucos instrumentos são feitas as sinfonias. Assim são harmonizados

os poucos elementos da natureza, água, sal, açúcar, grãos, folhas, raízes, carnes e ervas, em proporções e formas tais que geram os pratos mais simples e os mais sofisticados.

Cada família tem suas receitas, cada região tem seus pratos e suas formas, e mesmo que use a mesma receita, se cozinhe da mesma forma, nunca se consegue o mesmo prato. Por isso a culinária é uma arte. Arte democrática, não tem *marchand* nem museu, admite todos em seu

ateliê, a cozinha onde todos somos fugazes artistas anônimos.

Tornando-se os alimentos o nosso próprio corpo, a nossa língua portuguesa ficou carregada de sabores para adjetivar os nossos sentimentos e emoções e os temperos da nossa memória. Por isso temos deliciosas lembranças de pessoas *doces*, pessoas de *bom gosto*, que nos contaram coisas de nos *deixar de boca aberta* ou de *dar água na boca*. Ou temos *atravessadas na garganta* pessoas *amargas e indigestas*, *osso duro de roer*, que nos disseram coisas *difíceis de engolir*. Por outro lado, temos pessoas sábias, *bebemos* suas palavras e nos *alimentamos* de sua sabedoria. E não podemos nos esquecer que temos *um céu na boca*...

Momentos. Há três momentos de nossas vidas que gostaria de destacar: o nascimento, a morte e a celebração.

Logo após o nascimento físico de uma criança, acontece o primeiro banquete. A criança e a mãe, antes um, agora dois, iniciam uma nova relação de mútuo reconhecimento na primeira mamada e se realiza o nascimento psicológico. Na boca do recém-nascido estão os olhos, os ouvidos, o tato, o primeiro gesto, o desejo do mundo. No seio, no leite, o primeiro elemento do mundo, a primeira pessoa, o primeiro encontro. Mas há importantes diferenças culinárias neste banquete primitivo: há mães que dão o leite, há mães que dão o peito. Há crianças que

Jesus escolheu justamente uma ceia para celebrar a sua despedida e convidar à partilha dos bens da natureza e do trabalho dos homens

bebem o leite, há crianças que mamam o seio e com prazer nele adormecem. O leite vai apenas para o estômago, o seio vai para o coração. Desta primeira cena ou ceia, surgem muitos tipos de pessoas, muitas formas de estar no mundo, muitas formas de amar e de prazer, muitas culinárias.

Com a morte se dá a devolução do corpo à terra. Na cultura inca, os homens alimentados durante toda a sua vida pela *Pachamama*, a deusa-terra, para simbolizar sua gratidão na hora da colheita, devolvem a ela, enterrando, um pouco dos alimentos que colheram. Essa dadivosa mãe que nos alimenta de comida e prazer, um dia exige um pago, nosso corpo. Os corpos são enterrados nos campos de batata ou de milho e deles se alimenta a *Pachamama* para alimentar outros homens e perpetuar a vida. É um ciclo em que a morte propicia a vida.

Jesus Cristo não escolheu outro cenário para celebrar a sua despedida, senão uma mesa, uma ceia. Já havia escolhido os alimentos como símbolo: o cordeiro, o peixe, o vinho e o pão. O Antigo e o Novo Testamento estão repletos de rituais

em torno da mesa. A Eucaristia é o grande banquete, reprodução da última Ceia, ceia que ficou como modelo e paradigma. Houve nesta ceia um momento muito especial que a diferencia e a iguala a todas as outras, quando Jesus Cristo disse: "*Comei isto em memória de mim!*"

O que nos move a transformar os grãos, o peixe, os legumes, em arte efêmera para ser destruída? Que força nos faz sempre requintar o sabor do que preparamos para o dia-a-dia de nossas famílias ou para

celebrar a vida com nossos convidados? O que impulsiona esta arte generosa, tão velha quanto o homem?

Quando preparamos uma ceia, queremos nos perpetuar no corpo e na memória de nossos filhos, de nossos amigos. Ao pôr a mesa, reproduzimos, conscientes ou não, a mesma ceia e as mesmas palavras: "*Comei isto em memória de mim!*"

(Extraído de "*Tempo e Presença*" nº 292. José Inácio Parente é autor, com Carlos Brandão, do filme "*Trama da rede*")



Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Seu grupo ou movimento pode criar mais um Comitê na sua cidade. Criada por Betinho, em 1993, a Ação mobiliza atualmente mais de um milhão de pessoas em 25 estados do Brasil. Os Comitês recolhem alimentos não perecíveis e arrecada recursos para distribuição de cestas básicas entre pessoas pobres cadastradas. Peça instruções à Coordenação. Tel.: (021) 276-4316.

Serviço de doação de sangue. O MFC de Conselheiro Lafaiete criou esse serviço. Os membros do MFC que podem ser doadores são cadastrados, com a anotação do tipo sanguíneo e outros dados necessários, e se comprometem a atender os pedidos que chegam dos hospitais e clínicas da cidade - e já agora de cidades vizinhas. Um atendimento centralizado controla os pedidos e convoca o doador indicado, conforme o tipo de sangue. Exemplo de serviço comunitário a ser imitado.

Da carta de Tiago, sobre a fé e as obras: "*A fé sem as obras é cadáver*" (Tg 2,14 ss).

Fé e Política: uma relação exigente

Uma característica do trabalho de Clodovis Boff tem sido a relação teórica da teologia com a prática pastoral e a militância política. Isso significa: empenho teórico no campo de pesquisa e empenho prático no campo da pastoral e, de modo particular, no seu caso, com a Igreja que vive na base. Nesta entrevista concedida à Revista Povo, Clodovis Boff descreve a necessidade da mística cristã para uma militância dos agentes no campo da atividade política.

P: Vamos começar falando do neoliberalismo. A Igreja que vive na base sente algum tipo de impacto por causa da filosofia neoliberal?

Clodovis: Sim. É evidente que, hoje, as comunidades de base estão também em parte sofrendo o impacto do neoliberalismo. Sofre também, neste tempo de transição que vivemos hoje, com a globalização, a mecanização, a expulsão de gente do mercado de trabalho.

P: E em quê isso influencia, na prática?

Clodovis: Do ponto de vista sociológico, você percebe que as comunidades de base estão menos ligadas aos sindicatos, menos presen-

tes nos partidos; estão recuadas. No passado, por exemplo, nos encontros, você observava muitas pessoas com camisetas de partidos, bandeiras e coisas assim. Agora, você não vê nada disso. Apenas a bandeira do MST se via no 9º Encontro Inter-Eclesial realizado no Maranhão. Temos aqui duas coisas: que isto deixou de ser um problema das CEBs, e, segundo, que todos os grupos de esquerda, de modo geral, estão meio desorientados porque a hegemonia neoliberal é absoluta em quase todo o mundo. Mesmo assim, a Igreja, na base, resiste e pode passar uma semana inteira debatendo, como fez em São Luiz. E não é classe média. É povo pobre que tem que juntar dinheiro para poder viajar, e vem porque está convencido mesmo. Não vem empurrado por questões burocráticas ou carteirinhas de partido. Vem porque quer.

P: De onde vem essa força e essa vontade de participar?

Clodovis: Essa mostra de vitalidade tremenda é porque existe uma fonte de inspiração particular que é a fé. Nenhum candidato ou partido tem essa fonte de inspiração que é a fé. Tenho certeza de que a mística



Permanece intensa a repercussão do Encontro Inter-Eclesial de São Luiz, Maranhão, 1997

tica é o segredo da sua força. Não é possível um trabalho assim sem a mística.

P: O senhor está querendo dizer que seria necessária uma mística para fazer funcionar um movimento social, principalmente os de origem eclesial?

Clodovis: Seria. Mas sempre permanece o problema de a mística se diluir, perder sua raiz.

P: Onde estaria o problema, neste caso?

Clodovis: O problema é que quando um membro de uma comunidade entra no partido, ou no sindicato, ele esquece a sua raiz. Então cai na mística do partido, na mística do sindicato, que é uma mística

sem profundidade. Quando os projetos dos sindicatos e partidos vão a pique ele também vai 'a pique. É preciso ter uma mística mais profunda. E esta mística vem de Deus. Não vem da política.

P: Mas então, como explicar que tantos deixam as CEBs para trabalhar na política?

Clodovis: Mas existe aquele perigo, porque a dinâmica da política é muito forte. Ela envolve um candidato que vem das comunidades e, de repente, passa a dirigente do partido, torna-se deputado... e é engolido no seu trabalho político. A política absorve a família, a vida privada e até muitas vezes a consciência da pessoa. Aliás, um dos maiores perigos está nessa abso-

lutilização e na idolatria. Por isso há sempre o perigo. Daí a necessidade de manter uma raiz mística mais profunda e ter uma pastoral de acompanhamento dos militantes.

P: A Igreja está atenta a essa necessidade?

Clodovis: Sim. Porque na realidade, também a política perde se o militante perder a sua identidade cristã. O novo não aparece e fica aquele político tradicional, que vai vender a alma ao diabo na primeira proposta e continuamos na mesmice de sempre. Nós temos que apresentar algo novo e esse novo não pode vir de dentro da política. Tem que vir de fora, de outras fontes de inspiração. A religião sempre foi uma grande fonte de inspirações para renovar a política.

P: Isso significa dizer que é preciso formar líderes políticos e cidadãos conscientes.

Clodovis: Sim! A pastoral da política pretende formar as duas coisas: políticos competentes e cidadãos honestos. Por isso é que se oferecem fundamentos bíblicos, teológicos e da doutrina social da Igreja. A finalidade é ter cidadãos políticos que saibam trabalhar com o poder, com as idéias de conflito de poder, com a administração do poder. Precisam ser simples como os pobres, e espertos como as serpentes. Precisam também ter aquela pureza, aquela transparência, aquela santidade da política, ou seja, ele precisa exercer o poder em termos de serviço. Está aí

a razão por que Cristo revolucionou, não tanto o estado mas o conceito de poder. Em vez de dominar, colocou-se a serviço, revelou o valor do serviço.

P: Como relacionar fé e política? Aliás, é possível um tal relacionamento?

Clodovis: Eu tenho duas convicções sobre fé e política. A primeira é a de que a fé tem uma dimensão política intrínseca. Se não desabrocha na vida da comunidade, ela é uma fé mutilada. Não é necessário que todos sejam políticos de atuação partidária, mas é necessário que a Igreja, com todos os seus grupos e movimentos, se abra para essa dimensão da fé. É assumir a questão de que você é membro do corpo social, que vota, paga imposto, manda seu filho à escola. É ter consciência de que se é membros de uma comunidade. É uma questão de cidadania. Esta é a primeira convicção que eu tenho: a fé tem que ser política para ser verdadeira.

P: E a segunda convicção?

Clodovis: A segunda é de que a fé tem que ser mais do que política, ela tem que ter momentos festivos, momentos de encantamento. Para que isso? Para nada. Só pelo prazer de festejar, de sentir que a festa é um momento de amor, algo prazeroso, um momento de curtir Deus, curtir a presença dele, curtir também o sofrimento na vida e a força de superá-lo. A fé é muito maior que a política. Deus é maior que a política. A política não pode comandar Deus. Ora, da mesma

forma, a Igreja. Alguns têm a pretensão de usar a Igreja como meio, instrumento. Mas a Igreja não é isso. A Igreja é uma família, onde se podem curtir as relações de amizade, solidariedade, de respeito. Não apenas um lugar de encontro com alguém que no futuro me ajudará. Isso seria fazer da Igreja algo funcional, seria degradar a fé.

P: Mas isso, sem esquecer a dimensão inspiradora da fé que incentiva atitudes sociais e políticas.

Clodovis: Tudo bem! Mas sem esquecer, também, que o militante tem que ter momentos de pureza, de festa, de alegria porque crê. Eu diria assim: a fé é o englobante maior, e dentro desse englobante está a dimensão política, que não é a única, apenas uma delas. Existem outras dimensões, como a gratuidade, a oração, a contemplação, a transcendência pura. É quando muita gente se pergunta: qual o resultado? Qual o dividendo? Qual o significado político dessas outras dimensões? É o processo de transformar a política a partir da fé e, de certo modo, cuidar para que o político não se torne um ídolo que depois sacrifica amigos, fidelidade partidária, sacrifica a sua comunidade e até sua família.



Sementes de violência. Este era o delicado "jogral" berrado pelos recrutas da Base Aérea de Santa Maria, RS, para marcar a cadência de suas marchas e ordem-unida, preparando-se para o uso da violência: "Tortura é uma coisa / muito fácil de fazer. / Pega o inimigo / e maltrata até morrer".

P: Qual seria o processo, na prática: partir da vida para chegar a Deus, e por isso atuar politicamente na sociedade, ou partir da fé para atingir a vida?

Clodovis: É recíproco: essas duas dinâmicas você encontra no Evangelho. Nos sinóticos, encontra-se Deus a partir do Cristo homem. No Evangelho de João, encontra-se Cristo homem a partir de Cristo Deus. Acho que temos que ir de um polo para o outro, sem nos fixarmos em um polo. O polo principal nessa dança que motiva realmente o balanço, é o polo da cruz, é o polo do divino. No episódio de Betânia, por exemplo, o que permanece é o polo de Maria, e não o de Marta, porque ela escolheu a melhor parte. O que significa isso: é o amor que fica e não o empenho e todo o esforço. O amor é que conta e forma fraternidade. Esse é o polo da transcendência, o polo que precisa ser privilegiado. Aliás, para você humanizar o homem precisa ter Deus como base. Você nunca vai conseguir uma sociedade mais humana se não colocar Deus como base, como medida de tudo. Se você colocar o homem como medida do homem, você criará uma cidade desumanizada.

Caminhando como Igreja Renovada e Comprometida

MFC-MG

Canto inicial

"Participar é criar comunhão"

O nosso Deus, com amor sem medida
Chamou-nos à vida,
Nos deu muitos dons
Nossa resposta ao amor será feita
Se a nossa colheita mostrar frutos bons.
**Mas é preciso que o fruto se parta
E se reparta na mesa do amor (bis)**
Participar é criar comunhão
Fermento no pão, saber repartir.
Comprometer-se com a vida do irmão
Viver a missão de se dar e servir
Mas é preciso... (Refrão)
Os grãos de trigo em farinha se tornam
Depois se transformam em vida no pão
Assim também quando participamos
Unidos criamos maior comunhão.

Momento de reflexão:

C1. O que estamos fazendo dos muitos nossos dons? (pausa).
C2. Estamos comprometidos com a vida do irmão? (pausa).
C3. Vivemos a missão de dar e servir? (pausa).
C4. O que nos impede de cumprir nossa missão de serviço ao outro? (pausa).

Todos:

***O que importa não é pesar, / medir,
/ contar os dons recebidos. / Não é
ter recebido / muito ou pouco. /
Importante / é a firme decisão
interior / de responder / com a***

***máximo que podemos / e servir ao
outro / que precisa de nós.***

Leitor:

***Leitura do Evangelho, a Boa
Notícia proclamada por Jesus
(Jo 15, 12-17):***

"Eis o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que se despoja da vida por aqueles a quem ama. Vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo de servos, porque o servo permanece na ignorância do que faz o seu senhor. Chamo-vos amigos, porque tudo o que ouvi junto de meu Pai vos fiz conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e designei para irdes produzir frutos e para que o vosso fruto permaneça, de modo que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vos concederá. O que eu vos ordeno é que vos ameis uns aos outros".
Palavra da Salvação!

Todos:

***A vida de quem não semeia é areia,
/ é deserto, / é inferno.***

L1. O tempo jamais perdoa ninguém e cobra mil vezes mais. Cobra a semente que não se plantou com os frutos que não produziu. Cobra a

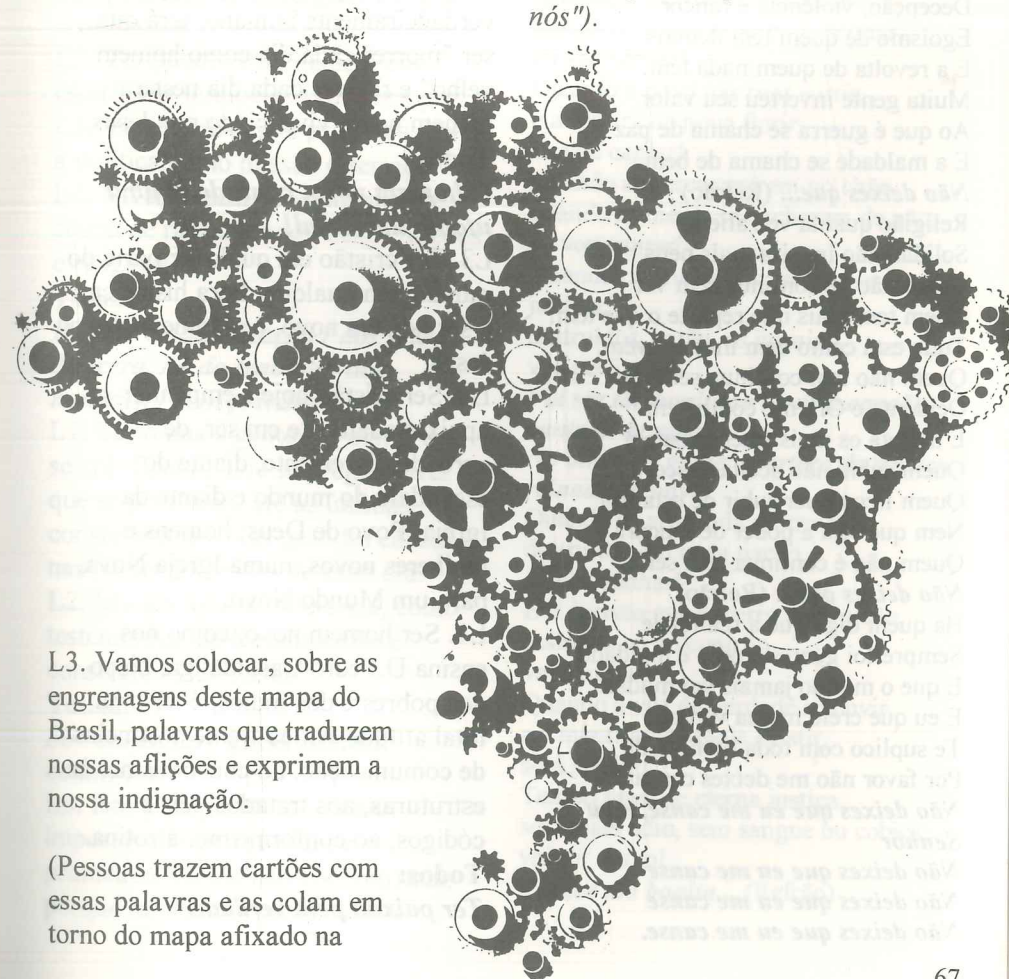
mentira que se semeou com a verdade da qual se fugiu.

Todos:

***A vida de quem não semeia é areia,
/ é deserto, / é inferno.***

L2. Se quisermos prosseguir, como cristãos, no compromisso ético de ajudar a edificar uma Sociedade Renovada, Justa e Fraterna, nós, do nosso Movimento, estamos desafiados a continuar aprofundando o conhecimento dos novos males que hoje surgem, mais agudos, nessa Sociedade Injusta e Desigual.

parede, lendo em voz forte o que neles está escrito: *pobreza, miséria, fome, violência, injustiça social, opressão, capitalismo selvagem, competição desumana, abusos de poder, discriminação racial, desemprego, desrespeito aos direitos humanos, discriminação da mulher, concentração de renda, consumismo, e outras; o último cartão traz escrito: "consertar essa máquina depende de nós"*.



L3. Vamos colocar, sobre as engrenagens deste mapa do Brasil, palavras que traduzem nossas aflições e exprimem a nossa indignação.

(Pessoas trazem cartões com essas palavras e as colam em torno do mapa afixado na

L4. Estamos conscientes destes desafios? (pausa) Estamos comprometidos ou apenas envolvidos? (pausa). Então peçamos ao Senhor:

Todos:

Senhor, diante destes desafios, / não nos deixes cansar.

Canto:

"Não deixes que eu me canse"

(Refrão)

Não deixes que eu me canse, meu Senhor

Ao ver o que esse mundo se tornou.

Decepção, violência e rancor

Egoísmo de quem tem demais

E a revolta de quem nada tem.

Muita gente inverteu seu valor

Ao que é guerra se chama de paz

E a maldade se chama de bem.

Não deixes que... (Refrão)

Religião quanta vez aliena

Solidão não inspira mais pena

Quem não vê continua sem ver

Quem tem mais não reparte o que tem.

Tudo está como bem lhes convém.

Quem não tem continua sem ter.

Ocidente e Oriente combatem

E na luta os mais fracos abatem.

Quem subiu não aceita descer

Quem ficou quer subir de estatura

Nem que seja a poder de loucura

Quem não é continua sem ser.

Não deixes que... (Refrão)

Há quem diga que a realidade

Sempre foi guerra e ódio e maldade

E que o mundo jamais vai mudar.

E eu que creio na tua verdade

Te suplico com toda humildade

Por favor não me deixes cansar.

Não deixes que eu me canse, meu Senhor

Não deixes que eu me canse

Não deixes que eu me canse

Não deixes que eu me canse.

L1. A Igreja durante séculos só via pessoas. Ou indivíduos isolados. Às vezes só via almas. Hoje redescobrimos, comprometidamente, a pessoa como membro da sociedade e protagonista da história e do Reino.

L2. Para nós cristãos, o Homem é, antes de mais nada, imagem viva de Deus, que Jesus Cristo encarnou em plenitude e corporalmente, como Filho Unigênito do Pai, e como irmão maior dentre outros irmãos.

L2. Ser pessoa humana, ser para nós verdadeiramente humano, terá que ser "morrer cada dia como homem velho" e reviver cada dia nesse homem novo, vivenciado por Jesus.

Todos:

O homem novo, contudo, é uma utopia universal!

L3. Ser cristão em qualquer parte do mundo, em qualquer hora histórica, é ser homem novo, no Homem Novo Jesus.

L4. Ser cristão hoje é empenhar-se apaixonadamente em ser, de verdade, livremente, diante do escândalo do mundo e diante da Igreja, Povo de Deus, homens e mulheres novos, numa Igreja Nova, para um Mundo Novo.

L1. Ser homem novo, como nos ensina D. Pedro Casaldáliga, bispo dos pobres e dos índios, é ter uma total atitude crítica frente aos meios de comunicação, ao consumismo, às estruturas, aos tratados, leis e códigos, ao conformismo, à rotina.

Todos:

Ter paixão pela verdade.

L2. Viver em estado de oração, como força propulsora e inspiração para a ação transformadora.

Todos:

Amanhecer cada dia.

L3. É ter perdão maior, sem mesquinhez, sem servilismo.

L4. Ser pobre, para ser livre frente aos poderes e suas seduções.

L1. Ter a liberdade total dos que estão dispostos a morrer pelo Reino.

Todos:

Saber viver / em estado de alegria, / de poesia, / de ecologia / de amor à natureza.

L2. Ter paixão pela justiça, em espírito de luta pela verdadeira paz.

L3. Viver a denúncia profética, viver a política como missão e serviço.

L4. Viver o ideal do ecumenismo, acima de raças, idades, sexos, credos e religiões.

Todos:

Buscar a socialização / dos frutos da terra, / e do trabalho dos homens, / sem privilégios.

L1. Ser o que a gente é. Falar o que se crê. Crer no que se prega. Viver o que se proclama, até as últimas conseqüências. Nas grandes causas e nas pequenas coisas de cada dia.

L2. Manter viva a esperança, como testemunhas da Ressurreição e construtores do Reino.

Todos:

Só ressuscita / quem decidiu caminhar.

L3. Isto é utopia. Não o sonho impossível mas a realidade prometida. Ainda não concretizada, porque também depende de nós.

L4. O Homem Novo não vive só de pão. Vive de pão e de utopia, na esperança do Mundo Novo.

Todos:

Somente homens e mulheres novos / podem fazer o Mundo Novo. O pai é a presença maior, / que caminha no meio de nós. Que assim seja! Amém!

Canto:

"Utopia" (José Vicente)

Quando o dia da paz renascer
quando o sol da esperança brilhar,
eu vou cantar!

Quando o povo nas ruas sorrir,
e a roseira de novo florir,
eu vou cantar!

Quando as cercas caírem no chão,
quando as mesas se encherem de pão,
eu vou cantar!

Quando os muros que cercam os jardins,
destruídos, então, os jasmins
vão perfumar!

*Vai ser tão bonito se ouvir a canção,
cantada de novo!*

*No olhar da gente a certeza de irmãos,
reinado do povo!*

Quando as armas da destruição,
destruídas em cada nação,
eu vou sonhar!

E o decreto que encerra a opressão,
assinado só no coração,
vai triunfar!

Quando a voz da verdade se ouvir,
e a mentira não mais existir,
será, enfim!

Tempo novo de eterna justiça,
sem mais ódio, sem sangue ou cobiça,
vai ser assim!

Vai ser tão bonito... (Refrão)

20 mil vão escapar da morte!

Com o novo Código Nacional de Trânsito o número de mortes nas ruas e estradas do país pode cair de 50 mil para 30 mil por ano. Pelo que se registrou nas primeiras semanas da vigência dessa lei dura, o resultado pode ser ainda melhor.

Isto quer dizer que, no fim da cada ano, pelo menos 20 mil pessoas que estariam marcadas para morrer estarão vivas! E jamais saberão que estavam condenadas pelas estatísticas macabras.

Ora, você pode ser uma delas... e estar viva porque Deus iluminou algumas centenas de cabeças parlamentares que aprovaram o novo Código, depois de muitos anos de intermináveis discussões.

É claro que os sennas e fitipaldis frustrados, os que sentem um

fascínio incontrolável pela luz vermelha dos sinais de trânsito, os que não se conformam que as calçadas pertencem aos pedestres e os donos das ruas que acham que qualquer pista é estacionamento - além dos que adoram um trago para relaxar no trânsito - todos esses estão inconformados, protestando contra essa agressão ao seu bolso, com o risco de perda de pontos e da licença para dirigir.

Mas os 20 mil que se salvarão a cada ano estarão vivos ... e felizes sem saber por quê. Como um deles pode ser você, agradeça a Deus por essa benevolência a mais, e se engaje na briga pelo respeito ao novo Código. Para que não seja mais uma daquelas leis que não pegam, neste país.



Testemunheiros profissionais: Confira aqui as condições que exigem e quanto cobram de suas igrejas alguns testemunheiros profissionais de milagres e conversões. Nelson Ned: R\$ 8 mil por apresentação, passagens aéreas para ele e um acompanhante, hospedagem no melhor hotel da cidade. Mara Maravilha: Cobra R\$ R\$ 2,8 mil de cachê, mais cinco passagens para acompanhantes e estadia em hotel de quatro ou cinco estrelas, além da venda mínima de 200 CDs e 100 fitas-cassetes. Dedé Santana, ex-Trapalhão: R\$ 2 mil, nas igrejas, que sobem para R\$ 4 mil em ginásios, com entrada franca, e para R\$ 6 mil se a entrada for paga, mais três passagens aéreas e hotel. Jece Valadão é o mais modesto: R\$ 1 mil, mais passagem e hospedagem. Todos pregam, falam da sua conversão, alguns cantam e dançam, conforme suas especialidades. (Contexto Pastoral, 36 - Ano VII).

Leigos, sim, mas não tanto

Borges Neto
Jornalista

A Igreja Católica celebra todos os anos, em novembro, o Dia do Leigo. Entendo que a data merecia ser comemorada com bem mais garra e alegria do que nos anos passados. Confesso. Eu nem sabia que, como leigo, tinha também o meu dia e gostei muito. Mas no ano passado, foi uma comemoração por demais mixuruca para o meu gosto.

Comparado ao Dia do Padre, quando os eleitos comemoram e vibram, o Dia do Leigo passa simplesmente despercebido da imensa massa de fiéis que freqüentam as igrejas mas de suas funções hierárquicas não participam. Acredito que 99% daqueles que, como eu, têm um sentimento de respeito e amor profundíssimo pela instituição em que foram batizados, nem tomam conhecimento. Entretanto, como seria bonito e auspicioso que ao menos um dia no ano, nós, leigos, pudéssemos festejar com entusiasmo nossa integração na Igreja de Cristo. E olhem que tão integrado nela está, devia estar, o mais o humilde cristão como está o próprio Papa.

Era preciso que, sem prejuízo da respectiva identidade, membros da hierarquia e simples fiéis nos sentíssemos todos como os primeiros cristãos - membros de uma só

comunidade de fé e vida. Apesar das diferenças de dons e carismas, acredito que não havia muita diferença na essência entre os obreiros do Evangelho.

Os Atos dos Apóstolos e os Evangelhos estão cheios de exemplos belíssimos. Se é verdade que Pedro costumava tomar a dianteira na defesa do Mestre amado, lembremos que foi um leigo, Ananias, o escolhido pro Cristo para prestar os primeiros socorros espirituais ao recém-convertido Saulo. E nos primeiros tempos do cristianismo, os leigos, longe de serem uma massa amorfa, sem vez e sem voz, assumiram sempre boa cota-parte na construção do Reino de Deus. O Concílio Vaticano II os chama de valiosos pregadores da fé". Entre outros, lembremos Justino, Tertuliano, Priscila, Inês, Cecília e Orígenes, a quem o bispo não hesitou em convidar para comentar as Escrituras Sagradas nas assembléias dos fiéis.

A identidade dos apóstolos e de todos os investidos em ordens sacras está no poder de consagrar pão e vinho e de em nome de Deus perdoar os pecados pelo sacramento da reconciliação. Essa é prerrogativa exclusiva dos ungidos do Senhor. O que não pode ser dito, por exem-

plo, daqueles que têm o dever de pregar. No meio dos discípulos a quem Jesus, ao despedir-se, mandou ir pelo todo o mundo e pregar o Evangelho a toda criatura humana estava, certamente, um número significativo daqueles a quem a Igreja chama de fiéis leigos.

Muitas vezes, a impressão que se tem é que, apesar de tudo, os leigos formam ainda hoje uma classe de cristãos de segunda categoria. Entretanto, o Código de Direito canônico esclarece que, sendo os batizados participantes do tríplice múnus de ensinar, santificar e governar a Igreja, podem eles também ser "cooperadores do bispo e dos presbíteros no exercício do ministério da Palavra", ser pregadores do Evangelho "em igrejas ou oratórios, se a necessidade o exigir em determinadas circunstâncias ou a utilidade o aconselhar em casos particulares".

Eu sei que a identidade do leigo, sua missão específica, está na sua conduta como discípulo de Cristo no meio do mundo em que vive. Mas se forem considerados os cânones que delegam no leigo o múnus de pregar, levando em conta as "determinadas circunstâncias", fico pensando como o povo de Deus terá a ganhar em ouvir, vez por outra, aqueles ou aquelas que vivem na pele problemas ligados à fé e vivem o Evangelho com coerência. O mais que poderia acontecer era os fiéis terem menos uma ocasião de

Temos a impressão de que os leigos ainda formam uma classe de cristãos de segunda categoria

tirar seu cochilo na hora da pregação.

E não vale subestimar os menos preparados. O próprio Cristo deu graças a Deus Pai por ter revelado as coisas do alto aos pequeninos...

O cardeal D. Aloísio Lorscheider, quando era arcebispo de Fortaleza, costumava visitar também os fiéis que moravam em favelas, muitos deles analfabetos. E querem saber o que ele dizia?

"Sempre que escuto os meus favelados, eu aprendo coisas novas do Evangelho e volto mais cristão."

Para padroeiro dos padres, a Igreja escolheu o humilde santo cura d'Ars e determinou que na festa dele (4 de agosto) fosse comemorado o Dia do Padre. Sem ignorar o sentido que a solenidade de Cristo Rei, quando se comemora o Dia do Leigo, tem também para o leigo, fico me perguntando se a Igreja não faria melhor em proclamar padroeiro dos leigos Antonio Frederico Ozanan, professor e fundador das Conferências de S. Francisco de Paula, ou Gianna Beretta Molla, apóstola da Ação Católica e da

alegria (que além disso preferiu morrer a tirar a vida de um filho que trazia no ventre). Ambos beatificados recentemente.

Ozanam e Gianna, separados por quase um século, são dois exemplos luminosos de como um cristão pode leigo - aquele que sem fazer parte da hierarquia da Igreja, nela está enxertado como membro vivo e atuante. E que também entende, um pouco, pelo menos, e quer entender sempre mais, os mistérios da fé que abraçou.

Nesta matéria, todo leigo cristão tem um pouco de leigo (que não entende), sim, já que o domínio da fé vai até o infinito. Mas nem todos os leigos são tão leigos assim.

Graças a Deus.

(Extraído de *O GLOBO* de 22/11/97)



@ Os cristãos leigos têm sido valorizados pela hierarquia da Igreja na nossa cidade? Os movimentos de leigos são incentivados?

@ Há alguma forma de preparação dos leigos para uma atuação mais efetiva na vida da Igreja? E na vida e estruturas da sociedade?

@ Os leigos são chamados a participar das deliberações das paróquias e dioceses, opinando e votando nos Conselhos paroquiais e diocesanos?



Uma proposta: Em espanhol, usam-se *habitualmente* duas traduções para a palavra **Leigo**: **Lego**, aquele que não entende de algo; **Laico**: aquele que na Igreja não tem ordens clericais. Por que não introduzir no nosso vocabulário eclesial brasileiro a designação **Laico**, também existente na língua portuguesa, com o mesmo significado (o mesmo que *não eclesiástico*, Dicionário Caldas Aulete), e abandonar a de **Leigo**, que tem sentido pejorativo? (H.A.)

Aumento de emprego ameaça economia

Equipe de Redação

Não é erro de digitação. O título está correto. É o que vamos aprendendo na escola do moderno capitalismo liberal. A confirmação esteve nos melhores jornais do país e do mundo: Nos Estados Unidos, no princípio do mês, o todo-poderoso Presidente do *Federal Reserve Board*, Alan Greenspan, foi ao Senado americano para alertar os assustados senadores sobre o risco que representa para a economia daquele país a **redução da taxa de desemprego**.

É que apenas 4,9% dos norte-americanos estão desempregados, a taxa mais baixa dos últimos anos! As conseqüências podem ser trágicas. O senhor Greenspan prevê o pior: aquecimento descontrolado da economia, pressão por aumento de salários e inflação na certa. O abalo que a inflação americana poderá provocar é gigantesco. A economia do país mais rico do mundo não resistiria ao baixo desemprego! O equilíbrio daquela rica economia depende da existência de uma multidão de desempregados desesperados, que aceitam substituir por qualquer salário o empregado que pede aumento... É o famoso exército de reserva que garante a estabilidade da economia capitalista.

Poderíamos imaginar que este é um problema daquele país, não nosso. Acontece que o nosso presi-

dente recentemente esclareceu a população: o Brasil não adotará o modelo de economia da Europa, que hoje enfrenta alto índice de desemprego. O modelo escolhido para o nosso sofrido país é o do capitalismo liberal dos Estados Unidos, que apresenta o mais baixo desemprego nas economias avançadas.

Tínhamos ficado tranqüilos: *"finalmente vai haver emprego para todos!"*, pensamos. Agora vem o homem que maneja as finanças daquele país-modelo e adverte para o perigo do baixo desemprego. Alguém nos poderia explicar essa tão descomunal contradição? Barbas de molho!

Por outro lado, aquele riquíssimo super-país é por si só um verdadeiro modelo, mas de consumismo desvairado e inconsciência ecológica: com apenas 6% da população mundial, consome 25% de todo o combustível produzido no mundo e cerca de 38% de tudo o mais que se produz no planeta.

Por isso, ainda que esse exercício numérico seja inconsistente, dá para se perceber a imprudência de se copiarem modelos, aparentemente bem sucedidos, mas confessadamente frágeis. Não é à-toa que o presidente norte-americano resolveu dar um passeio pelos países do sul do Rio Grande, derramando simpatia para convencer

todos eles a abrirem suas fronteiras ao comércio internacional competitivo, livres de barreiras fiscais, sob as regras do ALCA, um amplo acordo teoricamente vantajoso para todos. Na verdade, favorável aos países de economia mais competitiva, ou seja, os lá do norte. Nem em uma ou duas décadas de uma sonhada revolução educacional, com grandes investimentos para uma modernização acelerada da indústria nacional, e mesmo que ao longo do processo se realizasse uma ainda mais sonhada revolução social pacífica, com distribuição de terras e riqueza, não alcançaríamos os níveis de competitividade dos países ricos, pois estes não ficariam parados, esperando que os alcançássemos. Infelizmente o desequilíbrio já instalado não pode ser resolvido em menos de duas ou três gerações. E com muito trabalho! Por isso, o Brasil e seus vizinhos do Mercosul resistiram, desta vez, ao sorridente canto da sereia - entoadado pelo simpático senhor que chegou a marcar um gol no campo da Escola

de Samba de Mangureira, para alegria dos *paparazzi*. O ALCA, o Acordo de Livre Comércio para as Américas, fica para ser discutido no futuro, com calma, depois de fortalecidos os países do sul, por acordos entre iguais.

Enquanto isso, muitas coisas mudarão. O modelo de sistema capitalista liberal não é o fim da história e já dá mostras mais visíveis de suas debilidades e contradições intrínsecas, a fantástica riqueza dos Estados Unidos não é capaz de lhe dar segurança frente à simples ameaça de mais emprego, a Europa volta a eleger políticos que não aderiram a esses modelos selvagens de economia, em suma, vamos ver como as coisas evoluem e depois conversaremos.

Esperamos que seja isso o que estejam pensando os nossos governantes. Seria de chorar descobrir que, nestes episódios recentes, só houve jogos de cena!



"Um paradoxo me ocorreu: na busca por velocidade e locomoção cada vez maiores, o homem inventou o automóvel acessível a todos e com ele a humanidade conquistou um grande incentivador do progresso, que é o engarrafamento de trânsito. Não sei se há prova estatística disso, mas minha tese é que boa parte das grandes invenções recentes data do aparecimento do trânsito engarrafado, a primeira vez na história que o homem teve tempo de refletir, sem alternativa ou remédio. É obrigado a ficar atento e pensar. Na sua fome de velocidade, o homem acabou descobrindo a contemplação criativa como opção à loucura". (Luiz Fernando Veríssimo).

Leia e assinie **Fato e Razão**

Sobram arapucas e ingenuidade

Editorial

Nada menos de 42 mil famílias foram lesadas por uma única imobiliária. Um grande número delas aceitou antecipar pagamentos, raspando as suas poupanças, para aproveitar as tentadoras "promoções" com descontos sensacionais e, finalmente, possuir a sua casa própria. Custa-se a acreditar, mas foram inúmeros os que pagaram integralmente o preço do apartamento "na planta", ou seja, sobre um terreno coberto de capim. Sequer se preocuparam em verificar se a incorporação estava legalizada, com projeto aprovado, em terreno livre e desembaraçado de hipotecas e outros ônus, comprovado por uma simples certidão do Registro de Imóveis. Outras certidões que comprovassem a situação regular da empresa com seus impostos e com a previdência social, sem títulos protestados ou pedidos de falência, ou quaisquer outros impedimentos para vender o imóvel, seriam exigidas pelo cartório em que se lavrasse a escritura. Acontece que a maioria aceita "comprar" o apartamento inexistente mediante um simples instrumento particular ou recibo que não têm qualquer valor para tornar a venda "firme e valiosa". Só a falta de informação somada à ansiedade de não perder a oportunidade da

pechincha pode explicar essa massa de lesados.

Esse tipo de arapuca funciona como as famosas "pirâmides": lança-se um empreendimento para "fazer dinheiro" em cima de uma planta e um terreno, oferecendo-se fantásticas vantagens para pagamentos adiantados. Com esse dinheiro, é possível dar andamento na construção do empreendimento anterior. Mas é preciso logo lançar mais dois ou três, para que este comece a sair do chão. Mais adiante, segue a progressão geométrica: mais cinco, mais dez. O mercado local não absorve mais. Ataquem-se outras cidades. De repente é o país - e chegará o momento de atravessar fronteiras. Quando a bomba explode, são mais de 700 obras paralisadas ou nem iniciadas, dezenas de milhares de iludidos compradores a ver navios e... não acontece nada com o autor da novela. Ao contrário, desenvolto e descontraído, passa a ser entrevistado como grande empresário, certo de que, pelo tamanho do rombo e o da multidão de desesperados, o governo vai encontrar uma solução - apenas e talvez bloqueando os seus modestos bens **no Brasil...**

Para ativar ainda mais a indignação do leitor, deveríamos tratar

dos seguros de saúde e suas letrinhas miúdas, "comprando" carências uns dos outros (mas espertamente excluindo *doenças adquiridas anteriormente e suas consequências!*). E os golpes das loterias e baús de TV, papatudos e telefonemas, as chamadas telefônicas de três reais para concorrer a sorteios e todas as armadilhas para enriquecer poucos com o dinheiro de muitos, ancoradas na ingenuidade popular... Quando vai acabar essa festa e elevar-se o nível socio-econômico da população carcerária?

Enquanto isso, uma mãe, empregada doméstica, com duas filhas (uma no colo), entra na drogaria, em São Paulo, e pede um remédio para a infecção urinária da sua menina, sabendo que não terá os 5 reais para pagá-lo. Há três dias o remédio foi receitado e a menina está urinando sangue. Mas os hospitais procurados não têm o medicamento. Apela para o balconista, sem resultado. Então se aproveita de uma distração dele e sai rapidamente da drogaria com o seu troféu. A infecção vai ser tratada, ainda que com três dias de atraso! A festa dura poucos minutos. O moço da drogaria se dá conta do *assalto*, sai em perseguição da mãe que, carregando duas filhas perde a corrida. Mas antes, joga o remédio numa cesta de lixo de uma lanchonete, para não ser apanhada com o produto do furto.

É extremamente imprudente o pequeno furto. Só os grandes golpes dão segurança aos seus autores

Detida, levada para a delegacia, a queixa é apresentada mas falta a prova. O remédio sumiu! A queixa não poderá ser registrada! Mas a *justiça* vence: chega de repente o dono da lanchonete, empunhando a prova, encontrada na lixeira. O delegado ainda tenta convencer os dois acusadores a desistir. Policiais de plantão se oferecem para pagar o remédio. Nada disso! O crime foi cometido, os acusadores são inflexíveis. A mãe, com as crianças e tudo, vai para o xadrês da delegacia. Fica presa durante 30 horas, só libertada por ação de uma advogada generosa e um juiz compreensivo. Vai responder ao processo em liberdade. Pelo menos sai abastecida de remédios comprados pelos policiais.

Esperamos que a menina tenha ficado boa da infecção. E que a mãe aprenda que é extremamente imprudente o pequeno furto. Só grandes golpes milionários dão segurança aos seus autores, minha senhora. Veja se aprende!



Dê de presente uma assinatura de
fato e razão
para ser lembrado o ano inteiro.

*"Há Homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Mas há os que lutam a vida toda.
Esses são os imprescindíveis."
Bertold Brecht.*

Betinho, o imprescindível

Helio e Selma Amorim
Editores de Fato e Razão

O locutor da TV se deixa trair pela emoção. A voz que anuncia a partida de Betinho sai engasgada, adivinhando a tristeza e as lágrimas com que será ouvida nos quatro cantos do Brasil.

Bertold Brecht, lá onde estiver, anotarà o nome de mais um dos imprescindíveis do seu poema, que deixa o campo da luta para se tornar inspiração e coragem, legadas aos que ficam. Betinho lutou, não um dia, um ano ou alguns anos, mas a vida inteira com empenho e garra contra a injustiça social e a sucessão avassaladora de enfermidades que o agrediram desde que viu a luz, ao nascer.

Os trinta e nove quilos de presença física que sobram dessa luta foram cremados mas o espírito que a animou ganha nova dimensão com a sua partida. De repente, milhões de cidadãos se sentem responsáveis por continuar essa

missão. É mais um nome que se torna estandarte de luta e bandeira de paz e libertação, como Gandhi, Luther King, Oscar Romero, Guevara e tantos outros imprescindíveis.

Betinho entrou para a JUC - Juventude Universitária Católica - no fim dos anos 50. Em 1962, já sociólogo formado, ajudou a fundar a AP - Ação Popular, um movimento que fez história e, nos poucos anos de sua sobrevivência, formou grandes lideranças ainda hoje atuantes na política brasileira. Paulo de Tarso, Ministro da Educação de João Goulart, logo convocou Betinho para a sua assessoria, início de vida pública logo interrompida pelo golpe militar de 64. Betinho, hemofílico, com a saúde já precária, viveu na clandestinidade até 1971. Se fosse preso, seria o fim. Sua fragilidade física não resistiria aos métodos

truculentos do DOI-CODI. Por isso, quando o cerco apertou, na noite negra de Médici, Betinho foi convencido a exilar-se no Chile. Darcy Ribeiro e Paulo de Tarso estavam por lá e conseguiram um posto no governo de Salvador Allende para o sociólogo brasileiro Herbert de Souza. Durou pouco. Dois anos depois, o golpe de Pinochet assassinou Allende e começa a caçada sangrenta dos seus partidários, comandada pela sinistra DINA, inspirada no modelo repressivo brasileiro da época. Quem viveu esses tempos de delações, perseguições, tortura e morte, sabe o que tudo isto significa.

Novo exílio, primeiro no Panamá, depois no México, lecionando em Universidades. Finalmente a volta ao Brasil, com a anistia política, em 1979. A doença era a fiel companheira de todos os dias. Sua solidariedade aos portadores da doença herdada, ajudou a criação da Casa do Hemofílico, antes da revelação da nova enfermidade: só em 1986 um exame revela a presença do vírus, adquirido numa das infindáveis transfusões de sangue que mantêm vivos tantos hemofílicos. A aids passa a ser a nova ameaça àquele corpo debilitado, que antes já vencera a tuberculose na adolescência e hemorragias periódicas ao longo da vida. Logo conseguiu fundar a ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, que vem desenvolvendo até hoje um intenso e promissor trabalho da prevenção e tratamento desse mal, que finalmente o derrubou.

Em 1989, Betinho se tornou ainda mais visível. Foi um dos



"Quando se tem o que tenho, você começa a descobrir que a vida é todo dia, que o bom é estar vivo hoje. E é assim que eu vivo". (Betinho)

líderes do movimento que conduziu ao *impeachment* de Collor e, ao mesmo tempo, lançava a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria, pela Vida, tendo o seu IBASE como base de coordenação. Foi a maior e mais frutífera mobilização social popular de que se tem notícia na história recente do país. Os números são impressionantes, e provam que é possível mudar o país, quando o povo é sensibilizado por uma causa nobre.

O movimento partiu da constatação de que 32 milhões de brasileiros passam fome todos os dias em nosso país. Assim, o primeiro

passo para reverter esse quadro indecente seria arrecadar e distribuir comida. 25 milhões de pessoas contribuíram para a Campanha. Foram criados 4 mil Comitês, espalhados pelo país, envolvendo o trabalho de 2,8 milhões de pessoas. 251 Prefeituras se engajaram na Campanha. 900 entidades aderiram e atuaram. No primeiro ano foram arrecadados e distribuídos 500 mil toneladas de alimentos! Empresas estatais doaram 130 mil toneladas. A mídia foi mobilizada. A verdade antes oculta dos 32 milhões de famintos comoveu a população, gerando indignação e vergonha salutar. Ainda é cedo para se avaliar o que essa Campanha significou, em sobrevivência física e recuperação de esperança, para muitos, e conscientização de toda a população sobre a iniquidade essencial de um

"A Justiça é de uma lentidão absoluta contra os ricos mas muito rápida contra os pobres"
(Betinho)

modelo perverso de sociedade excludente.

Por tudo isso, os santos se alegram com a chegada desse companheiro, recebido com festas pelos que com ele aqui lutaram e o precederam no encontro com o Senhor da Vida, da vida em plenitude. Enquanto os que aqui ficam, por mais algum tempo, se comprometem a dar continuidade à sua caminhada exemplar na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.



Prostituição atinge crianças de sete anos. Em sua denúncia na Câmara, o Deputado Cunha Lima pediu aos parlamentares que, em seus estados, procurem se engajar no combate à prostituição infantil, "exigindo dos governos estaduais a prisão imediata dos que se aproveitam da condição social precária dessas crianças para explorá-las de forma tão brutal. (...) É cruel ouvir de uma criança de nove anos, abraçada a uma boneca, a declaração de que faz três ou quatro programas diários, em troca de 5 ou 10 reais", desabafou. Apurou que por trás da prostituição infantil atua uma máfia forte e organizada que se esconde em bares, boates, casas de massagens e hotéis. Em recente Congresso sobre o tema, estimou-se que mais de 500 mil crianças de menos de 12 anos estão aliciadas para essa atividade criminosa.



"Dependência cultural é usar Kolynos três vezes ao dia sem ter tido o que comer..." (Millor Fernandes)

AOS COORDENADORES DO MFC DAS CIDADES

Revendedores ganham 20% sobre as vendas

COLEÇÃO

fato e razão

Assinatura Ouro - 6 edições: R\$ 15,00

Assinatura Prata - 4 edições: R\$ 10,00

Exemplares avulsos: R\$ 2,50

O MFC da sua cidade ou seus revendedores credenciados receberão 20% do produto das vendas avulsas e de assinaturas de

fato e razão

nas escolas, clubes, associações, livrarias, bancas de jornais, paróquias, movimentos, empresas, repartições...

Anotem as vendas de assinaturas e exemplares avulsos: nomes e endereços completos, tipo de assinatura Ouro ou Prata, ou lista de números avulsos encomendados. Enviem à Livraria do MFC com o produto das vendas em cheque nominal ao MFC, descontando os 20% do revendedor.

Convidem pessoas que se interessem em ser revendedores na sua cidade por conta dessa comissão de vendas.

PEÇAM À LIVRARIA DO MFC NÚMEROS AVULSOS EM CONSIGNAÇÃO PARA VENDAS DIRETAS NA CIDADE E PAGAMENTOS SOMENTE DEPOIS DE VENDIDOS.

Solicitem à Livraria do MFC mostruários plásticos para exibir

fato e razão

em pontos de venda, livrarias, bancas de jornais, lojas comerciais, colégios, paróquias... em encontros, cursos, seminários...

INFORMEM-SE SOBRE VENDAS DE ANÚNCIOS. SOLICITEM TABELAS DE PREÇOS.

Livraria do MFC: Rua Espírito Santo, 1059 - sala 1109

CEP 30160-031 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 222-5842